

Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante o velório do governador de Sergipe, Marcelo Déda – Aracaju/SE

Aracaju-SE, 02 de dezembro de 2013

Um grande homem que tinha uma forte ética e perseguia a construção de um país melhor. Além disso, o Déda era um poeta e, como poeta, viveu o nosso país em todas as suas dimensões, com um grande sofrimento diante da desigualdade, mas, também, diante das interrogações que nós, homens e mulheres, temos diante da vida.

Além disso, além de ser um grande poeta, foi um dos mais brilhantes oradores que nós conhecemos. E foi também um político do P maiúsculo, escreveu a política com grande qualidade, em todos os momentos da sua vida, se dedicou aos mais pobres, lutou para transformar o nosso país. E eu acredito que todos nós levaremos o Déda na nossa memória, tanto na nossa alma como nos nossos corações.

Ele nos deu uma mensagem que nós carregamos para a vida, uma mensagem de que atravessar a vida com o espírito lutador, guerreiro, humanista e amigo do Déda e, ao mesmo tempo, com a imensa alegria que ele tinha, é algo que comoverá e deixará nos nossos corações um vazio, mas, ao mesmo tempo, nós temos o exemplo dele a seguir.

Eu queria saudar a família, saudar o amor que eu presenciei entre ele e a Eliane, pelas filhas e pelos dois meninos, em especial pelo Mateus.

Um beijo, Eliane!

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura da ordem de serviço da duplicação da BR-280/SC – Brasília/DF

Palácio do Planalto, 03 de dezembro de 2013

Eu queria cumprimentar a todos os presentes,

Saudar o governador de Santa Catarina, Raimundo Colombo,

Saudar os ministros de Estado César Borges, dos Transportes; Eva Chiavon, ministra interina do Planejamento, Orçamento e Gestão, ela, que é Catarina..., viu governador, ela é Catarina, andava, lá, perdida pela Bahia...; a ministra Ideli Salvatti, da Secretaria de Relações Institucionais; e a ministra das Comunicações Sociais, Helena Chagas.

Queria cumprimentar os senadores aqui presentes: o senador Casildo Maldaner, o senador Luiz Henrique, que fez um esforço grande para chegar aqui e nos honra com a sua presença.

Os deputados federais Celso Maldaner, Décio Lima, Esperidião Amin.

Os prefeitos de Araquari, João Pedro Woitexem; o prefeito do Balneário Barra do Sul, Ademar Borges; o prefeito de Corupá, Luiz Carlos Tamanini; o prefeito de Dionísio Cerqueira, Altair Rittes; o prefeito de Guaramirim, Lauro Fröhlich; o prefeito de Jaraguá do Sul, Dieter Janssen; o prefeito de Joinville, Udo Dohler; o prefeito de Mafra, Roberto Agenor Scholze; o prefeito de Porto União, Anízio de Souza e o prefeito de São Francisco do Sul, Luiz Roberto de Oliveira.

Queria também cumprimentar o general Jorge Fraxe, diretor-geral do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte – DNIT,

Os dirigentes das empresas signatárias das Ordens de Serviços das obras de duplicação da (BR) 280, de Santa Catarina: o Nelson Calveira Júnior, da empresa Sul-Catarinense Construções Ltda, e o Domingos Malzoni da Cetenco Engenharia S/A.

Queria também cumprimentar os senhores jornalistas e as senhoras, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Eu estive em Santa Catarina semana passada, e lá em Santa Catarina eu participei, junto com o governador Colombo, de um momento especial para o porto de São Francisco do Sul, que foi a entrega do berço 201. Com a entrega do berço 201, nós ampliamos a movimentação de cargas no porto. E, ao produzir essa movimentação de cargas, nada mais justo do que se avalie e se olhe a questão do acesso ao Porto.

E hoje, o que nós estamos fazendo aqui, com a duplicação da BR-280, é justamente ampliar o acesso ao porto, porque vamos duplicar essa BR. E na é só duplicar, o valor do investimento, beirando quase a R\$ 1 bilhão, ele se explica pelo fato de que nós teremos que construir 31 pontes, aliás, 31 viadutos, quatro pontes e dois túneis. São muitas obras de arte, chamadas obras de arte, nesse trecho da rodovia, o que é importante porque vai, de fato, assegurar também para os municípios da região uma rodovia duplicada e, portanto, com condições de beneficiar tanto, diretamente alguns municípios com a duplicação, mas, indiretamente, outros municípios, pelo fato de que vai melhorar bastante toda a... não só o fluxo de mercadorias, mas o fluxo de pessoas na região.

Eu queria dizer, também, que nós vamos, junto com essa rodovia, implantar algo que eu sempre considero extremamente relevante, que é um contorno rodoviário duplicado, retirando o tráfego de longa distância das travessias urbanas e dos municípios, tanto do município de Jaraguá do Sul quanto no de Guaramirim, o que nos tornará também, nesse momento... tornará a nossa obra, nesse momento, uma obra que contempla os interesses da população, porque tirar o tráfego pesado não significa, pura e simplesmente, beneficiar carga, mas significa, fundamentalmente, evitar acidentes, evitar um tráfego pesado em região urbana.

Então, por esses motivos, eu acredito que hoje é um momento especial. Mas eu queria dizer que nós fizemos, também, todo esse esforço pelo fato de que estamos trabalhando em uma parceria muito efetiva com o governo do estado de Santa Catarina, que tem sinalizado aquelas obras mais importantes e também a necessidade de uma certa rapidez.

Por isso, eu vou encerrar dizendo para o general Fraxe que nós temos todo interesse, General, em que essa obra tenha um desdobramento bastante rápido e acelerado. É óbvio que teremos, imediatamente, que tomar providências no caso de uma das empresas ter entrado e conseguido uma liminar do juiz, o que, todos os presentes, não sei se sabem, mas é algo que acontece muitas vezes em processos licitatórios. Isso, sem sombra de dúvida, vai garantir que o DNIT e todos os órgãos do governo federal atuem no sentido de derrubar a liminar, na medida em que consideramos que ela não é, ela não é... obviamente vamos apresentar essas razões para o juiz, mas, se ganharam duas outras, nós consideramos que isso... que não é justificável esse pleito. Agora, a justiça é que decidirá. Nós achamos isso e iremos lutar por isso.

Consideramos também muito importante o fato de que essa Ordem de Serviço ocorra com a presença dos senhores prefeitos, parlamentares, tanto senadores como deputados,

e também com a presença do governador. Acho que essa é uma representação importante do estado de Santa Catarina aqui, e podem ter certeza que nós e vocês também, acredito, estaremos sempre de olho nessa rodovia para ver que... para ver com que as obras se desenrolem o mais rápido possível, mesmo considerando a complexidade de algumas.

Um abraço a todos os presentes e tenho certeza que nós vamos ter muita sorte nessa rodovia e nessa obra. Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de entrega da 16ª edição do Prêmio Finep de Inovação – Brasília/DF
Palácio do Planalto, 04 de dezembro de 2013**

Boa tarde a todos.

Eu quero, inicialmente, cumprimentar os participantes do Prêmio Finep de Inovação 2013. Cumprimentar também o vice-presidente da República, Michel Temer.

Cumprimentar os chefes de missão diplomática acreditados junto ao meu governo.

Cumprimentar os ministros de Estado: Marco Antonio Raupp, da Ciência, Tecnologia e Inovação, em nome de quem eu cumprimento os ministros aqui presentes.

Cumprimentar os deputados federais: Ariosto Holanda, Luciana Santos, Nilton Lima.

Cumprimentar o senhor Glauco Arbix, presidente da Finep.

Cumprimentar o Glaucius Oliva, presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Cumprimentar o senhor Robson Braga de Andrade, presidente da CNI, por meio de quem eu cumprimento todos os empresários aqui presentes.

Cumprimentar o deputado Rui Falcão, presidente do Partido dos Trabalhadores.

Cumprimentar as senhoras e os senhores representantes da comunidade científica e parceiros do Prêmio Finep de Inovação 2013.

Cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Este é um prêmio, e um prêmio que reconhece o talento e a inventividade de pessoas e empresas. Pessoas e empresas que, a partir de ideias inovadoras, buscam produzir novos conhecimentos, novas tecnologias em favor de avanços produtivos e de mais qualidade de vida para a sociedade brasileira.

Cada um dos 570 projetos inscritos nessa 16ª edição do Prêmio Finep de Inovação é, portanto, um vitorioso. Entre essas centenas de concorrentes, dez se destacaram, e condecorá-los, para nós, é motivo de especial orgulho. Para mim, como presidenta e como cidadã. Cada um de vocês representa o grande potencial que o Brasil tem para produzir conhecimento, tecnologia e inovação. Potencial que, se considerarmos a evolução dos inscritos no Prêmio Finep, tem crescido de forma exponencial. Na 1ª edição - como já foi dito aqui - em 1998, 25 candidatos se inscreveram. Nesta edição foram 570 inscritos, incluindo uma bem-vinda surpresa: a categoria pequena empresa registrou o maior número de inscritos: nada menos do que 166 concorrentes.

Em um país de empreendedores, como o Brasil, é animador que a inovação esteja inscrita entre os objetivos das nossas pequenas empresas. Aliás, a vencedora na categoria pequena empresa, a Marina Tecnologia, é um excelente exemplo, pois

coleciona prêmios por suas inovações nos produtos de borracha que desenvolve lá em Triunfo, no Rio Grande do Sul. Cada um dos premiados de hoje contribuiu em seu segmento de atuação para que o Brasil disponha de novas soluções tecnológicas, de novas propostas em favor do desenvolvimento. Vejam, por exemplo, o projeto do CBPAK que utiliza fécula de mandioca e água para produzir recipientes biodegradáveis e compostáveis. Ou, ainda, a Fundação de Tecnologia do estado do Acre, responsável pela fábrica de preservativos produzidos com látex. Látex nativo dos seringais. A fábrica, a Natex, vende sua produção para o SUS. Chama ainda a atenção o projeto da F123 Consulting, que desenvolveu um leitor de telas para deficientes visuais de baixo custo e ampla utilização, que possibilitará que qualquer pessoa, qualquer instituição pública ou privada, tenham a possibilidade de implementá-lo. É só imaginar o impacto disso sobre os nossos deficientes visuais, pois isso lhes abrirá as portas, abrirá para eles as portas para a formação profissional, para o trabalho e para o lazer.

Todos os premiados - e eu só citei alguns - merecem nossa admiração e nosso reconhecimento. Empresas médias e grandes empresas brasileiras, todos se engajaram em projetos que permitirão alargar as fronteiras do conhecimento no país e criar as condições para aumentar a competitividade de suas empresas e garantir mais bem-estar ao povo brasileiro, todos, sem exceção. E aqui se destacam os inventores. Porque essa figura do inventor é algo que a nossa sociedade tem que valorizar e, portanto, tem que incentivar.

Por isso, o Prêmio Finep de Inovação é tão importante. Ele nos permite reafirmar a centralidade da inovação na estratégia de desenvolvimento nacional. A inovação resulta em ganhos de produtividade, que são requisitos para a continuidade e a sustentabilidade de nossa trajetória de crescimento com distribuição de renda.

Nós praticamos a inovação sempre em parceria. É importante, aqui, sinalizar a parceria existente entre as instituições educacionais, as empresas, e o governo, entre as instituições de pesquisa públicas ou privadas. E, eu queria destacar, também, a colaboração que nós temos tido da CNI em todos os processos de inovação e no fato de pautarmos, como sendo prioridade do Brasil, a questão da inovação para que nós asseguremos à nossa economia maior competitividade e produtividade. Nós sabemos, por isso, que o Brasil precisa inovar cada vez mais.

Os vencedores, vocês, da 16ª edição do Prêmio Finep de Inovação, mostram que não nos falta criatividade e competência, e que esse salto tecnológico que nós, sem dúvida, iremos dar e que se torna cada vez mais necessário, vai levar o Brasil para um outro patamar de desenvolvimento, de crescimento, agregação de valor baseado na economia do conhecimento.

Queria dizer aos senhores e às senhoras que investir em inovação é prioridade do meu governo. Prioridade que perseguimos por meio de políticas de amplo alcance, políticas construídas em articulação - como eu disse - por meio acadêmico e com as empresas. Compromisso que está presente no Plano Brasil Maior, nossa política industrial, no aumento de vagas no Proni, no aumento de vagas no Fies, na interiorização das nossas universidades federais, e também em um programa, que eu acredito ser muito importante, como é o caso do Ciência sem Fronteiras. O Ciência sem Fronteiras que vai, sem sombra de dúvida, revolucionar a forma pela qual os estudantes brasileiros das instituições

públicas e das instituições privadas tenham acesso às maiores e melhores universidades do mundo. E também estabelecem contato com pesquisas e laboratórios de última geração.

Tudo isso tem mostrado que o meu governo dá imensa prioridade à questão da inovação. Um dos elementos fundamentais é, sem dúvida nenhuma, eu diria, o coração dessa prioridade, é o Plano Inova Empresa, que nós lançamos em março deste ano. Ele é o maior plano de estímulo à inovação da história de nosso país, pois mobiliza investimentos de cerca de R\$ 33 bilhões. O Plano Inova Empresa, ele se distingue pela quantidade inédita de recursos para a inovação, e também por avançar em aspectos operacionais decisivos, como é o caso da integração interministerial, dos órgãos e das entidades do Poder Executivo federal. São 11 ministérios, agências reguladoras, Finep e BNDES. Esse é o suporte institucional do plano. O que é ele faz? Ele potencializa e articula, medidas e recursos que até então estavam localizados de forma específica em cada um dos ministérios, muitas vezes ensejando ações sobrepostas e isoladas ou até duplicadas. Com ele, com o Plano Inova Empresa, não só nós aumentamos os recursos, mas demos maior efetividade e eficácia à utilização dos mesmos.

O Inova Empresa, também, ele promoveu uma integração – com já foi dito aqui pelo Raupp – entre as empresas que são objeto ou dos nossos empréstimos, ou dos nossos subsídios. Uma empresa, ela não pode ser tratada como várias entidades, que era o que ocorria. Agora, nós temos um canal único para tratar a empresa, de forma que a gente diminui a burocracia, evita retrabalho e também trata a empresa como entidade que ela é. Isso implica em maior rapidez mais eficiência e, sobretudo, elimina uma trajetória burocrática que só onerava e dificultava o acesso aos recursos.

Nós também descentralizamos as operações de crédito e as operações de subvenção, o que também permite uma maior flexibilidade e uma melhor atuação, aumentando a nossa capilaridade. Nós lançamos editais para todas as áreas estratégicas definidas no Inova Empresa, e nós esperamos contratar todos os projetos antes do final do ano.

Quero lembrar que nós, quando lançamos o Inova Empresa, e já vinha de antes, nós discutimos com a Finep, com o Glauco Arbix e com o ministro, a necessidade de redução do tempo de análise dos projetos da Finep. Esse tempo de análise já vinha reduzindo de 452 dias para 112, em 2012. E agora eu acredito que atingimos uma marca de eficácia que é o Finep 30 dias. Com ele, todo o projeto de financiamento analisado dentro da Finep é feito em 30 dias. Eu acho que isso é um marco, é importante para toda a comunidade inovadora no nosso país, o que mostra que a inovação tem sempre que vir associada a uma maior capacidade de realização, maior eficiência e maior eficácia.

Nós sabemos, todos nós, e eu já tinha dito isso no início, que a competitividade do nosso país, ela vai estar sempre associada à nossa capacidade de gerar inovação, de incorporar essa inovação, de traduzir a ciência e a tecnologia em inovação e de fazer com que as nossas empresas incorporem esses processos e isso resulte em aumento da produtividade e em alto valor agregado. Sabemos, também, que esse é um processo que exige a parceria, investimentos públicos e privados associados. Sabemos que vai exigir também, a dedicação de pesquisadores e de inventores.

Cada uma das empresas vencedoras desse prêmio hoje aqui, ela dá um passo nessa direção, assim como cada um dos pesquisadores que concorreram, e o pesquisador que

venceu, dá a certeza que nós estamos no caminho certo. Que o caminho certo, neste novo momento do Brasil, é garantir a competitividade do nosso país. E aí eu queria aproveitar que nós já estamos nessa discussão aqui sobre a importância da inovação nessa esfera, para falar que uma outra parceira da competitividade no nosso país é a infraestrutura.

E hoje, mais uma das licitações de rodovias, agora pela manhã, mais uma das licitações de rodovias, a licitação da BR-060, BR-153 e BR-262, que sai lá de Minas Gerais, passa por Goiás e Distrito Federal, ela foi um sucesso com um deságio de 52%. Isso significa que esses dois componentes, esses dois grandes componentes, que são a inovação e a infraestrutura, eles estão sintonizados nesse dia de hoje.

E eu encerro dizendo o seguinte: desejo a todos os concorrentes dessa 16ª edição do Prêmio Finep, desejo a todos eles, sucesso. O sucesso deles é o sucesso do Brasil. Agora eu dirijo um cumprimento especial aos vencedores. Porque os vencedores, nós temos muito orgulho de vocês, muito orgulho de vocês, da capacidade de vocês inventarem projetos, processos e inventarem produtos. Isso significa muito para o nosso país.

Quero dizer que, com tudo isso, com a Embrapii, com o Plano Inova Empresa, com todos os incentivos que o Estado brasileiro tem obrigação de dar, na verdade nós sabemos que tem um fator que faz toda a diferença, que é a criatividade, a capacidade de invenção que está nas pessoas, está em cada um dos brasileiros e brasileiras. Uns vão aparecer, e eu espero que nós tenhamos a capacidade de dar oportunidade a que todas essas criatividades surjam e transformem o nosso país em uma grande economia. Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura de decretos de desapropriação e imissão de posse para as comunidades quilombolas – Brasília/DF

Palácio do Planalto, 05 de dezembro de 2013

Bem-vindos todos os companheiros e todas as companheiras aqui presentes.

Queria cumprimentar os ministros de Estado: a ministra Luiza Bairros, da Secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial; o ministro do Desenvolvimento Agrário, Pepe Vargas; o ministro Gilberto Carvalho, da Secretaria Geral; a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social; e o ministro José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional.

Um cumprimento ao senador Acir Gurgacz,

E um cumprimento ao nosso deputado federal Edson Santos, ex-ministro da Secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial,

Queria cumprimentar a senhora Célia Rocha, prefeita de Arapiraca,

Queria cumprimentar... Cadê ela? Prefeita, seja bem-vinda.

Queria cumprimentar o Johnny de Jesus Martins, coordenador executivo da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. Por intermédio dele eu saúdo todos os representantes das comunidades quilombolas e do movimento negro aqui presentes.

Queria cumprimentar o Angelo Oswaldo, presidente do Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. Onde é que está o Angelo?

Eu estou muito honrada de estar aqui hoje. Eu acredito que criar as condições para superar não só a exclusão social, mas a exclusão racial que historicamente marcou o Brasil, em especial marcou as comunidades negras, em especial as e quilombolas, é um objetivo de um país que quer construir a sua democracia de forma a assegurar que ela tenha um fundamento na diversidade da nossa população, na diversidade racial da nossa população, e também tenha um fundamento na construção de oportunidades iguais pra todos.

Eu sempre digo uma coisa que me parece, eu aprendi isso que vou dizer e que eu acho que é, de fato, certa: a abolição da escravatura, ela não significou uma reinclusão da grande massa da população negra no Brasil. Ela significou uma mudança da forma da exclusão, e um dos aspectos mais fortes disso é o racismo, e outro aspecto mais forte disso é o fato, por exemplo, de que as comunidades quilombolas que eram locais de resistência, eram locais nos quais se repudiava aqueles que lutavam e aqueles que fugiam das propriedades escravocratas, elas jamais foram incorporadas à vida – tanto à vida social como à vida econômica como à vida cultural do país.

Então, essa segregação e essa marginalização, elas tiveram uma durabilidade muito maior, e agora nós... Eu acho que o Brasil chegou num ponto que eu acho que a grande questão é que nós reconhecemos que isso existe, porque sequer se reconhecia. Essa questão de reconhecer a existência das comunidades quilombolas perpassou anos e anos do nosso Império e da nossa República e todo mundo não via a existência. Então, eu acredito que a base, uma das bases da mudança de qualquer política de combate ao racismo e exclusão social no Brasil é a regularização fundiária, é reconhecer que não só existem e existiram comunidades quilombolas, mas regularizar a posse da terra, até porque a posse da terra é algo importante porque além da questão da sobrevivência, tem uma questão de identidade associada.

Por isso eu fico muito feliz de assinar aqui esses decretos, os dez decretos que são importantes e que vão garantir terras para comunidades em sete estados da Federação. Eram oito, mas o Pepe estava me dizendo que o Rio Grande do Sul ficou para depois, porque eram oito. Bom, o que eu tenho aqui na minha lista, e geralmente a minha lista é checada, é Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Tocantins, certo? E, com isso, nós chegamos a mais um conjunto de decretos e eu concordo que nós temos de construir mecanismos para assegurar que isso ocorra.

Eu queria saudar as 3.100 famílias que foram beneficiadas com a imissão de posse, e espero que a comunidade de Brejo dos Crioulos, que hoje representou todas as famílias que receberam esse título, encontre na terra um meio não só de sobrevivência, mas de afirmação de construção da sua cultura e de resgate da sua história. Nesse caso, a terra, ela tem vários significados, ela não tem apenas um significado.

Eu acho que é muito importante o que a ministra vem fazendo à frente da Secretaria. E acredito que essa ação bastante abrangente, no caso específico das populações de comunidades quilombolas, tem um sentido que é assegurar condições materiais para que essas comunidades tenham condições de sobreviver e viver do seu trabalho e do trabalho da sua família e dos seus. Daí porque tanto a emissão da Dap, ou seja, o acesso ao

credito do Pronaf, que é um crédito em situação bastante diferenciada, um crédito mais barato, como o acesso ao Programa de Aquisição de Alimentos, que garante para a família ou para aquela propriedade que produz, garante que você vai comprar os produtos, portanto ele vai ter uma fonte de renda sistemática, e assistência técnica, porque auxilia, dá base, dá condições, dá instrumentos para as pessoas produzirem e sobreviverem.

Nos últimos tempos, eu acho que nós temos de olhar essa questão das comunidades quilombolas e fazer um grande esforço para que elas deixem de ser apenas de subsistência e se transformem num local em que as pessoas podem viver do fruto do seu próprio trabalho.

Eu queria dizer para vocês que um país verdadeiramente democrático, ele tem de construir, eu acho, duas coisas: ações afirmativas na questão da desigualdade racial, tem de construir ações afirmativas, de um lado, e tem também de construir uma política na qual – e essa política não é só construída pelo governo, é construída pelos movimentos sociais –, em que a cor da pele não é razão para exclusão ou discriminação, e onde as pessoas são diferentes, as oportunidades sejam iguais. Eu acho que essa concepção é a concepção que faz com que a gente esteja garantindo regularização fundiária. Ao mesmo tempo, a gente defende e aplica a questão das cotas nas universidades. E, ao mesmo tempo, a gente quer que se estabeleça no país a questão da cota no serviço público federal, e esperamos que isso seja um exemplo para as demais instâncias – para os estados, para os municípios – adotarem essa política de cotas. É fato que nós mandamos para o Congresso Nacional, com urgência constitucional, ou seja, tem de ser votado num determinado prazo, se não votar, tranca a pauta. Por que fizemos isso? Porque consideramos que é extremamente importante, é mais um passo na ação afirmativa.

E aí, tendo consciência que o combate à exclusão é um combate que também beneficia todo o povo brasileiro, e que mais da metade desse povo, no IBGE, reconheceu que era afrodescendente, a questão da exclusão é fundamental, mas a questão da política afirmativa é essencial para que a gente assegure igualdade de oportunidades, tratando diferentemente aqueles que foram tratados de forma diferente. As cotas são justificáveis e plenamente justificáveis por isso.

Bom, eu acredito que o Brasil que todos nós aqui queremos é um país que respeita e valoriza sua diversidade, que respeita e valoriza sua diversidade porque ela é a base da nossa diversidade cultural, que é uma das nossas riquezas, assim como é a própria diversidade que nós temos no país em matéria de meio ambiente. Então, nós temos um ambiente cultural que talvez, para não dizer... para a gente não ser, assim, absolutista, mas eu acredito que, sem sombra de dúvida, é algo que diferencia este país dos demais. Nós temos esse mérito de ser um país multirracial, e um país multirracial que é um país que se encontra lutando por igualdade de oportunidades, e não achando que a discriminação não existe. Ela existe, sim, e tem de ser combatida e nós temos de lutar pela diversidade. Achar o nosso país fantástico, achar a nossa cultura alegre, achar que nós somos abertos para o mundo não significa se enganar e achar que está tudo numa boa. Não é bem assim, nós temos de brigar por isso. Hoje nós demos mais um passo, hoje nós demos mais um passo. Cada passo a gente comemora.

Parabéns para vocês!

**Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de Sorteio Final da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014 - Costa do Sauípe/BA
Costa do Sauípe-BA, 06 de dezembro de 2013**

Um minuto de silêncio em memória do grande líder sul-africano Nelson Mandela. O Brasil e o povo brasileiro se inclinam diante da sua memória.

Apresentador: Presidente Dilma, o que a senhora está achando de uma Copa no Brasil?

Presidenta Dilma: Eu acho que a Copa no Brasil tem significado especial, porque no Brasil o futebol está em casa. O Brasil, como todos sabem, é o país do futebol. O futebol está no coração de cada um e de todos os brasileiros. E essa será a Copa das Copas. Uma Copa para ninguém esquecer. Pela primeira vez vão estar reunidos em uma Copa todas as seleções campeãs junto com times dos cinco continentes. E o Brasil está muito feliz em receber todos nessa Copa, porque somos um povo alegre e acolhedor.

Os visitantes terão oportunidade de conhecer o Brasil, um país multicultural e empreendedor, uma terra de oportunidades. Um Brasil que honra a sua cultura e as suas tradições, um Brasil que preserva um imenso patrimônio da sua biodiversidade. Um país que enfrentou o desafio de acabar com a miséria e criar oportunidades para todos. Este país recebe a Copa como um único ser: nós sabemos que a Copa será uma grande Copa.

(Palavras do presidente da Fifa, Joseph Blatter)

Apresentador: Presidente Dilma, o Brasil é pentacampeão. A senhora está animada com a nossa Seleção?

Presidenta Dilma: Eu estou, como torcedora, muito animada com a nossa Seleção. O Brasil, como disse o senhor Blatter, é a única seleção pentacampeã do mundo. Além disso, nós somos o único país que esteve em todas as Copas, nunca ficamos fora de nenhuma Copa, e temos uma história de sucesso no futebol.

Esta terra é a terra do Pelé, o maior jogador de todos os tempos. É a terra do Ronaldo, o maior goleador de todas as Copas. E hoje nós temos uma Seleção forte, cheia de novos craques geniais, e temos um técnico, o grande Felipão, que é um campeão que tem como auxiliar um outro vencedor, o nosso grande Parreira. Então, eu tenho razão para estar, como torcedora, muito otimista. Nós amamos o futebol. Sejam todos muito bem-vindos ao Brasil e nós juntos faremos uma grande Copa do Mundo.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante encontro da Clinton Global Initiative (SGI) - Rio de Janeiro/RJ
Rio de Janeiro-RJ, 09 de dezembro de 2013**

Bom dia.

Eu queria cumprimentar o presidente Bill Clinton, presidente da Clinton Global Initiative,

Queria cumprimentar o presidente Fernando Henrique Cardoso,

O governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Os ministros de Estado que me acompanham: Luiz Alberto Figueiredo, das Relações Exteriores; Fernando Pimentel, do Desenvolvimento Indústria e Comércio; Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social.

Cumprimentar o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes,
Cumprimentar os participantes, senhoras e senhores da Clinton Global Initiative,
E cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,
Eu quero expressar a minha satisfação por participar dessa sessão da Clinton Global Initiative, a primeira a realizar-se aqui na América Latina. Saúdo a presença em nosso país do ex-presidente Bill Clinton, reconhecida e admirada liderança mundial, e de sua filha Chelsea, que nos dá a honra de conhecer também o Brasil.

É meu propósito desenvolver aqui algumas reflexões sobre a América Latina, em especial a América do Sul, e sobre o papel que tem cabido ao Brasil em nosso continente. Eu, preliminarmente, recuso que esse papel possa ser qualificado como de liderança. A razão é muito simples: no projeto de integração que desenvolvemos não há espaço para relações hegemônicas. A verdadeira integração dispensa liderança, pois exige solidariedade. Esse é o caminho que viemos seguindo neste início de século aqui na nossa região. Um verdadeiro processo de integração regional, além de enfatizar a solidariedade, supõe respeito à soberania nacional dos estados que dele participam.

Nós somos países com muitas afinidades, mas temos também nossas especificidades econômicas, políticas, étnicas e culturais. As iniciativas supranacionais, próprias dos processos de integração regional, exigem prudência para que não se sacrifiquem os ritmos próprios e os legítimos interesses de um país em detrimento de outro.

Nesse século XXI, senhoras e senhores, uma sucessão de mudanças políticas no continente, especialmente na América do Sul, provocou uma grande transformação econômica e social em nossa região. Libertos, primeiramente, das ditaduras que infelicitaram nossos países, e em seguida das propostas mais conservadoras que frearam nosso crescimento, aumentaram a desigualdade social e provocaram desequilíbrios macroeconômicos, ingressamos há pouco mais de uma década em um novo momento de nossas histórias. Um período que, em traços gerais, pode ser caracterizado de inclusão social, crescimento econômico com equilíbrio macroeconômico e, sobretudo, expansão e fortalecimento da nossa democracia.

Mas eu quero falar-lhes, antes, do Brasil. Ao fazê-lo, creio estar falando um pouco em boa, ou melhor, creio estar falando mais do que um pouco, em boa medida, de uma realidade similar ao que muitos países da América do Sul experimentaram ao longo nesse período. Até fins de 2012, nós experimentamos uma expansão de nossa economia depois de um longo período de estagnação. Diferentemente do passado, essa expansão não se fez às custas da desigualdade social, do desequilíbrio macroeconômico ou da vulnerabilidade externa. Ao contrário, nós fizemos da inclusão social um fator de grande dinamização de nossa economia. Criamos, nesse período e nesses anos, a exemplo do que aconteceu em outros países da América do Sul e da América Latina, um expressivo mercado de consumo de massas. E isso porque as políticas sociais, entre as quais as de transferência de renda, permitiram tirar do Brasil 36 milhões da pobreza extrema, da miséria, e também permitiram que 40 milhões de pessoas ascendessem para os padrões econômicos da nossa classe média. E isso permitiu que se configurasse, o que eu falei há pouco, um grande mercado de massas.

A política salarial, também, ensejou uma relativamente significativa valorização do salário mínimo real. O salário médio real, por exemplo, aumentou 27% nesse período, e 48% no

Nordeste, que é a região mais pobre do Brasil. Também criamos uma quantidade significativa de empregos. No meu governo criamos mais de 4,8 milhões empregos até outubro, e chegaremos a este ano a uma das menores taxas de desemprego de todos os tempos, o que coloca o Brasil numa situação invejável no mundo de hoje.

Para se ter uma ideia, nos últimos dez anos, nós conseguimos criar 20 milhões de empregos formais. Na verdade, as políticas sociais e a valorização do salário mínimo e a geração de empregos reduziram a pobreza em 58%. Foi assim que, associados à democratização do crédito, todos esses fatores contribuíram para a construção desse expressivo mercado de consumo de massas, o que ocorreu em muitos países da América Latina.

Graças a esse mercado nós atravessamos com menos dificuldades os efeitos da crise global, em 2008 e 2009, e criamos as condições para que houvesse na região um forte dinamismo das suas trocas e do seu comércio. No Brasil, como também em muitos outros países da América do Sul, depois da crise da dívida externa, nós erigimos a solidez das finanças públicas e o controle da inflação como fundamentos da nossa macroeconomia. A relação dívida líquida/PIB, por exemplo, chegou agora em 2013 a um de seus menores patamares, ou seja, 35% do PIB contra, há dez anos atrás, 60,4% do PIB. A inflação atingiu em 2012, e também vai fechar esse ano de 2013, num dos seus patamares de estabilidade em torno dos 5,8, 5,9%. E isso significa que ela se manteve dentro da meta traçada nos últimos 10 anos. Ela caiu nos últimos 10 anos de 12,5%, portanto, para 5,8, 5,9%. De país devedor, nós passamos à condição de país credor. Nós acumulamos [US\$] 375 bilhões em reservas. O que nos coloca numa situação confortável dentre as incertezas da situação financeira internacional.

E o Brasil torna-se cada vez mais uma terra de oportunidades, como produtor de alimentos, produtor de proteínas, como detentor de recursos minerais expressivos, como detentor de uma indústria diversificada e como produtor de energia renovável e de petróleo. Isso explica porque o país continua exercendo uma extraordinária capacidade de atração sobre investimentos globais. Somos o terceiro país que mais atrai investimento direto depois dos Estados Unidos e da China, de acordo com a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento, a UNCTAD.

Tudo isso não significa que já tenhamos resolvido todos os nossos problemas econômicos e sociais. Sei que temos enormes desafios pela frente. Pagamos hoje, por exemplo, o preço de décadas de omissão em relação à nossa infraestrutura energética e logística. E de omissão diante da construção da necessária infraestrutura latino-americana que concretizasse a estratégica integração com os nossos vizinhos.

Por muitos e muitos anos o Brasil foi pensado como um país pequeno, voltado apenas para os países desenvolvidos do planeta. Dedicado apenas a uma parcela privilegiada de sua população, o Brasil não foi pensado para todos, nem tampouco foi pensado como voltado para todos os países e, no caso, no nosso caso, em especial para os nossos vizinhos da América do Sul e do Caribe, e também para a África.

Para o nosso país, as consequências se fizeram sentir nos déficits sociais qualitativos, por exemplo, na nossa educação, também no nosso sistema de saúde ou nos gargalos da mobilidade urbana, especialmente nas grandes cidades brasileiras que atingem patamares acima de 7, 8 e 9 milhões de habitantes. As nossas políticas sociais urbanas

vão na direção de enfrentar esses problemas. Hoje, nós cuidamos da renovação da nossa infraestrutura com fortes investimentos governamentais e privados, baseado em um sistema de concessões ao setor privado que está ganhando ritmo acelerado. Investimos em parceria com a iniciativa privada nas nossas rodovias, na melhoria e ampliação dos nossos portos e na ampliação dos nossos aeroportos.

Pela primeira vez o Brasil, que é um país continental, tem um programa de expansão de sua malha ferroviária amplo e consistente. Garantimos, de forma segura e sistemática, o crescimento de nossa rede de transmissão de energia elétrica e também de nosso parque gerador de eletricidade.

O leilão do Campo de Libra – com a vitória do consórcio que incluiu, além da Petrobras, quatro empresas bastante importantes como a Shell, Total, CNOOC e CNPC – inaugura a exploração do pré-sal, e permitirá nos próximos 35 anos a geração de mais de R\$ 1 trilhão de receita para o país. É apenas o primeiro campo do pré-sal a ser leiloadado, outros virão. E esse primeiro campo vai ser responsável, no auge da sua produção, por 77% de tudo que nós produzimos hoje de petróleo, ou seja, 1,4 milhão de barris por dia.

O desafio de infraestrutura mais premente que nós agora vamos enfrentar é a extensão para todo o território nacional de uma rede de banda larga de alta capacidade. Essa infraestrutura vai servir de alicerce para a política educacional que viemos desenvolvendo e que prioriza a inclusão e também a qualidade.

Agora, a recente decisão de destinar para educação 75% de todos os royalties de toda a exploração do petróleo brasileiro e 50% da remuneração do pré-sal, assegura os recursos para estabelecermos o melhor sistema educacional adequado ao potencial de nossa sociedade. Cada vez mais a educação cumprirá uma dupla função no Brasil. Por um lado, moldar uma nação democrática e soberana, fundada na disseminação do conhecimento e da cidadania. O que deve assegurar a perenidade, a estabilidade e a sustentabilidade da erradicação da miséria e da pobreza.

Por outro lado, preparar o país para o grande desafio de fundar seu crescimento na criação de tecnologia e na inovação, ou seja, privilegiando a formação educacional e científica e, portanto, a economia do conhecimento.

Senhoras e senhores, esse dinamismo econômico e social está, a grosso modo, disseminado em todo o continente. Os desafios que devemos enfrentar também são semelhantes. Entre 2003 e 2008, segundo a Cepal, a América Latina e o Caribe registraram índices de crescimento médio de 4,6%. Segundo dados da Cepal e da OIT, entre 1990 e 2012, o percentual de pessoas que viviam na pobreza caiu de 48,4% para 27,9%. E a pobreza extrema, nesse mesmo período, passou de 26% para 11%. A taxa de desemprego regional caiu para 6,4% agora em 2012. O poder aquisitivo dos salários também cresceu na maioria dos países, posto também que a inflação média caiu para 5,4% em 2012.

Esses resultados são consequências das novas políticas econômicas aplicadas em cada país. Mas também de um importante incremento do comércio intrarregional nos últimos dez anos e do crescimento desse mercado intrarregional nos espaços tanto do Mercosul, da Unasul e da Celac. E também voltados para a comunidade andina.

No Mercosul, por exemplo, registrou-se uma extraordinária expansão comercial. O comércio do bloco, que era de US\$ 4,5 bilhões nos anos 90, passou para [US\$] 58

bilhões em 2012. Essa expansão comercial na zona, ainda que reflita e tenha por sua vez papel importante na expansão econômica da região, deve ser complementada. Sabemos a importância do comércio, mas também, temos claro ser imprescindível integrar nossas cadeias produtivas evitando o agravamento de assimetrias entre as economias mais desenvolvidas e complexas, como a brasileira e a de seus países vizinhos.

Para que o crescimento e a integração regionais sejam harmônicos, necessitamos reduzir essas assimetrias por meio do fortalecimento, seja da infraestrutura energética, logísticas, de banda larga, como também pela integração e complementação produtiva entre as nossas indústrias, as nossas agriculturas e os nossos serviços.

Na infraestrutura, para suprir essa deficiência, foram criados instrumentos de financiamento regional, como é o caso tanto do Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul, o Focem, como da Corporação Andina de Fomento, a CAF. O Brasil, por sua vez, vem investindo por meio de seu banco de desenvolvimento, o BNDES, na construção de estradas, portos, aeroportos e metrô na América Latina. Esse conjunto de iniciativas coloca em evidência o extraordinário potencial da região: enormes e diversificados recursos energéticos, enormes e diversificados recursos minerais, agricultura e pecuária moderna e de alta produtividade, 1/3 das reservas de água do mundo e extraordinária biodiversidade.

A melhoria da situação social nos últimos anos, como eu já falei, permitiu transformar os 400 milhões de sul-americanos em consumidores conferindo a esse mercado continental uma importância maiúscula. A tudo isso se somariam fatores que alguns qualificam como imateriais: uma democracia vibrante, ausência de conflitos religiosos e étnicos, reduzidos contenciosos de fronteira e, finalmente, inexistência de armas de destruição em massa.

Senhoras e senhores, desde um primeiro momento, afirmamos enfaticamente nossa disposição de associar o destino do Brasil, hoje e no futuro, ao destino da América Latina. Queremos fazê-lo e estamos fazendo sem perguntar pelas preferências político-ideológicas dos governantes de cada país da região.

Os projetos de integração Mercosul, Unasul e Celac têm dimensão estratégica. São e serão conduzidos por governantes livremente eleitos por seus povos. A prosperidade de nossos países é incompatível com a pobreza e com a desigualdade que sempre maltratou os nossos países e as nossas sociedades.

Não vai haver estabilidade social e política se perdurarem na América Latina os fenômenos que fizeram, e ainda fazem, de nossa região uma das mais desiguais do mundo, apesar dos grandes avanços que conquistamos na última década.

Nosso continente tem o privilégio de ser banhado pelos dois maiores oceanos, grandes eixos do comércio internacional. O futuro da América Latina, em especial da América do Sul, depende de nossa capacidade de unir esses mares, tanto por meio de políticas de desenvolvimento e de infraestrutura e de cadeias produtivas comuns, mas também pela nossa capacidade de articulação política dentro do continente. Atlântico e Pacífico interligados, além de construir a ligação da América do Sul com o resto do mundo, significa um continente integrado e voltado também para si. Deixaremos assim de ser objeto passivo de velhas e novas cobiças. Teremos condições de nos assumir como região soberana, como região próspera, apta a desempenhar um papel relevante nesse mundo multipolar que está em construção pelo mundo afora.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na solenidade de abertura do 8º Encontro Nacional da Indústria - ENAI 2013 – Brasília/DF
Brasília-DF, 11 de dezembro de 2013**

Meu querido Robson Andrade, presidente da Confederação Nacional da Indústria, e por intermédio do Robson eu cumprimento os presidentes das federações estaduais, os empresários e as empresárias participantes do Encontro Nacional da Indústria 2013.

Cumprimento também os ministros de Estado que me acompanham aqui nessa cerimônia: o ministro da Fazenda, Guido Mantega; ministro Aloizio Mercadante, da Educação; Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; e Luiz Antonio Elias, ministro interino da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Cumprimento o senador Armando Monteiro Neto, ex-presidente e conselheiro emérito da Confederação Nacional da Indústria.

Cumprimento o professor Luciano Coutinho, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Ao cumprimentar o professor Coutinho eu cumprimento todos os integrantes do governo aqui representados.

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Para mim é um prazer participar mais uma vez do Encontro Nacional da Indústria. Nesta oportunidade é meu objetivo falar do nosso compromisso com a indústria brasileira. Compromisso que é essencial para o Brasil se transformar em uma nação desenvolvida.

O tema deste 8º Encontro, o Brasil e os Desafios da Economia Global, tornou-se ainda mais pertinente frente ao histórico acordo alcançado pela OMC, Organização Mundial do Comércio, na última sexta-feira. O primeiro acordo global nos 20 anos da história da OMC e que representará um incremento estimado de US\$ 1 trilhão no comércio internacional. Esse acordo, sem sombra de dúvida, coloca na ordem do dia, para todas as economias do mundo, a questão da competitividade e, portanto, da produtividade e da capacidade de, ao se inserir no quadro econômico internacional, fazê-lo nas melhores condições possíveis. Assim, o cenário que se descortina a partir desse acordo beneficiará o Brasil como a Confederação Nacional da Indústria expressou em seu comunicado.

Estou certa que este encontro será cenário de bons debates, que considerarão a importância desse acordo dos quais resultará um elenco de oportunas propostas e sugestões às quais o governo dedicará a devida e séria atenção.

Falei do acordo da OMC para lembrar que com trabalho e disposição ao diálogo, temos a capacidade sempre de produzir conquistas históricas. Rendermos ao pessimismo, posição de muitos analistas na antevéspera do acordo da Indonésia, nos imobiliza e nos torna incapazes de vislumbrar em meio às dificuldades do cenário internacional os avanços e as alternativas possíveis para superar os desafios.

O governo costuma ser acusado de excessivo otimismo. Essa é uma crítica que se costuma fazer a qualquer governo, e admito que é preciso tomar cuidado com este risco. Mas é importante também lembrar nosso presidente Juscelino Kubitschek, quando dizia: “o otimista pode errar, pode até errar, mas o pessimista já começou errado”.

Analisemos juntos o caso do Brasil: continuamos imersos nesse cenário internacional de imensas incertezas em que baixas taxas de crescimento, elevadas taxas de desemprego e desequilíbrios fiscais persistem como marcas da maioria dos países desenvolvidos, em alguns casos todos esses indicadores se combinam. Nada mais diferente que a realidade do Brasil. Geramos, do início do meu governo até outubro, 4,850 milhões empregos formais. Nossa taxa de desemprego se mantém nos menores patamares de nossa história. E a renda dos trabalhadores continua crescendo. O resultado é um mercado interno dinâmico, estímulo fundamental para o crescimento de nossa produção.

2013 será o décimo ano consecutivo em que a inflação ficará dentro da meta. Nossa gestão fiscal persiste comprometida com a redução do endividamento do Estado brasileiro. E somos hoje um dos poucos países que registram superávit fiscal. Gosto sempre de lembrar que nossa dívida bruta permanece estável, e a dívida líquida corresponde a 35% do PIB, substancialmente inferior a aquela do início da década, que estava em 60,2% do PIB, ou seja, em 2002.

Nossa taxa de câmbio se mantém em patamares adequados, e o Brasil hoje é credor internacional. Temos reservas da ordem de US\$ 376 bilhões, o que nos dá imensa capacidade de fazer frente às turbulências do mercado internacional que não são, e possivelmente, não serão pequenas. Continuamos recebendo investimentos diretos em grande proporção. Aliás, somos o 3º ou 4º país no ranking mundial da atração de investimentos, atrás apenas dos Estados Unidos, e se separa Hong Kong da China, nós ficamos em 4º, se unir, China e Hong Kong, nós somos o 3º, segundo os dados da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento.

Muitos dos presentes devem lembrar porque me ouviram falar desses mesmos indicadores outras vezes. É verdade, pois há um ano, no 7º Encontro da Indústria, disse que o emprego estava crescendo, que a inflação estava sob controle, que a disciplina fiscal estava nos conduzindo a uma redução da dívida pública, que as reservas internacionais eram grandes e que os investidores externos apostavam no Brasil.

Quero insistir nesse ponto, passado mais um ano de incertezas e instabilidade da economia internacional. Os indicadores da economia brasileira persistem positivamente mostrando a continuidade de uma trajetória sustentável de crescimento com a inclusão social. Estamos colecionando conquistas e avanços que mostram que o Brasil sairá mais forte e mais sólido dessa crise mundial. Isso não significa, muito pelo contrário, que já fizemos tudo que devíamos. Temos de a cada dia, de forma determinada e sistemática, buscar resolver todos os problemas, os impasses e os gargalos que nos cercam. Daí a importância das sugestões apresentadas pelo presidente da CNI nesse momento.

Senhoras e senhores,

Nesses 12 meses que separam o 7º e 8º Encontro Nacional da Indústria, foram muitas as medidas e as decisões tomadas em favor da indústria brasileira. Ouso dizer que em poucos momentos da nossa história o desenvolvimento da indústria esteve tão presente, tão no centro das atenções e das preocupações do governo.

Desde janeiro reduzimos o custo da energia elétrica, uma demanda histórica do setor produtivo nacional. As desonerações tributárias e da folha de pagamento foram ampliadas e resultarão a cada ano, a partir de 2012 até 2014, em uma diminuição da ordem de

dezenas de bilhões de reais no montante que o setor produtivo recolheria ao governo federal.

Fizemos muito para reduzir e racionalizar a carga tributária. Mas quero reconhecer que as dificuldades e as barreiras existentes diante do desafio de promover uma efetiva reforma tributária no Brasil vai exigir de nós ainda mais empenho e determinação. A harmonização e a redução das alíquotas do ICMS, por exemplo, são absolutamente necessárias para que possamos superar as deficiências e as injustiças do nosso setor tributário. Ao mesmo tempo, a convalidação dos processos anteriores no que se refere às vantagens e reduções do ICMS entre os estados devem, essas convalidações, devem ser estabelecidas a fim de que se tenha segurança jurídica no Brasil. Nesse sentido, o governo federal tem trabalhado junto aos governadores e aos parlamentares, principais protagonistas.

Quero também mencionar aqui as conquistas do Plano Brasil Maior, eixo estruturante da nossa política industrial. E aí eu destaco duas medidas: primeiro, as parcerias público e privadas já formalizadas no setor de fármacos, resultando da internalização de 78 medicamentos e vacinas antes não produzidos no Brasil. Trata-se aqui de um volume de compras públicas de quase 8 bilhões de reais via Sistema Único de Saúde. Outra conquista tão importante quanto esta é a do Inovar Auto, programa dedicado ao relançamento da indústria automotiva brasileira como plataforma de inovação e produção mundial. Desse programa já resultaram R\$ 8,3 bilhões de investimentos efetivados em novas plantas e a vinda para o país de mais 10 empresas internacionais, fabricantes de veículos leves e pesados, além de dezenas de novas empresas fornecedoras.

Senhoras e senhores,

Temos garantido créditos para a indústria em condições adequadas de prazo e custo. O PSI é um desses programas. Os desembolsos do BNDES para a indústria somaram R\$ 49,4 bilhões até novembro de 2013, valor superior ao de todo o ano de 2012. O financiamento para aquisição de máquinas e equipamentos, excluído os itens de transporte, cresceu 87% até outubro desse ano quando comparado com o mesmo período do ano anterior. E é sempre bom lembrar que a ampliação dos investimentos em máquinas e equipamentos é o principal mecanismo de aceleração dos ganhos de produtividade, permitindo manter uma relação e uma trajetória sustentada de crescimento da produção industrial.

O apoio à inovação, por outro lado, recebeu um extraordinário impulso neste ano com o lançamento do programa Inova Empresa, em março, que mobiliza R\$ 32,9 bilhões de investimento. Com ele, promovemos a integração de ações e de instrumentos de apoio à inovação e criamos porta única para apresentação de projetos, eliminando várias exigências burocráticas. Lançamos editais nas áreas estratégicas do Inova Empresa, e os primeiros projetos já estão em fase final de contratação.

No ano passado, quando eu estive aqui no ENAI, eu reconheci aqui a urgência de promover uma transformação na infraestrutura de transporte brasileira. O que é fundamental para elevar a competitividade de nossa produção. Falei também de nossa proposta de realizar expressivos investimentos em parceria com o setor privado nas áreas de logística, rodovias, ferrovias, portos e aeroportos, e energia.

Hoje trago aqui alguns resultados: nós mudamos o marco regulatório do setor portuário para permitir investimentos privados em portos, sem nenhuma barreira ou restrição, para atrair investimentos privados, aumentar eficiência e diminuir custos. A nova legislação foi aprovada agora em junho deste ano, e somente nos dois primeiros anúncios para operação de terminais de uso privado foram feitos 68 requerimentos envolvendo investimentos na ordem de R\$ 12 bilhões. Ontem, as primeiras cinco autorizações foram concedidas. Fizemos concessões de três trechos de rodovias federais, todos com expressivos deságios. Outros dois trechos serão leiloados ainda esse ano – um, na próxima semana, outro, na semana do dia 28. E nossa expectativa é repetir o sucesso destes três leilões. Os aeroportos do Galeão e de Confins foram concedidos agora no mês de novembro à iniciativa privada, em um processo de disputa que, sob quaisquer critérios, foi extremamente bem-sucedido. Agora já são seis aeroportos sob administração privada. Além de Galeão e Confins, nós temos os aeroportos de Brasília, Guarulhos, Campinas e São Gonçalo do Amarante, em Natal.

Na área de energia, somente neste ano realizamos três leilões de geração de energia que agregaram 6.600 megawatts ao sistema. Foram também realizados três leilões de transmissão, resultando em mais 7.632 quilômetros de linhas de transmissão. Continuamos planejando e contratando a oferta futura de energia para que nunca mais falte energia para o crescimento do Brasil.

2013 foi também o ano da retomada das licitações de blocos exploratórios de petróleo e gás. Foram três leilões, todos bem-sucedidos. Mas é inevitável destacar o leilão de Libra, que é o primeiro bloco do pré-sal que será explorado sob regime de partilha. Libra é um campo de petróleo extraordinário pelo seu gigantismo e pelo estímulo que dará ao desenvolvimento industrial. Libra é um campo extraordinário pela possibilidade que dá ao Brasil, de durante 35 anos, gerar mais de R\$ 1 trilhão de receitas para o país. Sua exploração deve mobilizar investimentos de centenas de bilhões de reais nos próximos anos. Produzirá impactos imensos sobre toda a cadeia produtiva de petróleo e gás, pois praticaremos percentuais elevados de conteúdo nacional em todos os bens e serviços necessários à sua exploração, entre 55% e 59%. Um número que gosto muito de destacar é que somente para explorar Libra serão necessárias entre 12 a 18 plataformas e por volta de 5 barcos de suprimento e apoio para cada uma delas, além de todos os equipamentos, bens e serviços decorrentes da exploração complexa no pré-sal.

Imaginem o quanto isso significará em termos de emprego, de dinamismo da demanda para nossa indústria naval e para toda a cadeia produtiva nacional correlata, com efeitos externos necessariamente.

Todas essas concessões me permitem afirmar que estamos cuidando com a atenção e celeridade de mudar as condições da infraestrutura energética em nosso país enfrentando os gargalos de logística prejudiciais à produtividade da nossa indústria e eventuais gargalos energéticos gravíssimos quando se trata de crescimento e de futuro.

Fizemos muito, mas teremos de fazer muito mais. Em 2014, por exemplo, mais concessões ocorrerão notadamente na área de ferrovias, arrendamento de novas áreas em portos e também no que se refere à autorização de terminais de uso privativo, os TUPs. No caso específico de ferrovias, eu acredito, é essencial para o Brasil investir em parceria com o setor privado num sistema ferroviário de porte nacional. Isso porque é

inadmissível que um país de dimensões continentais não tenha esse investimento. É imperdoável não termos feito nos dois séculos anteriores, final do século XIX e em todo o século XX. Mas o século XXI exigirá, necessariamente, para a dimensão do Brasil um sistema ferroviário de porte internacional. É fato que nós estamos num momento da curva de aprendizado. O Brasil, há muito, parou de investir em ferrovias, retomando este investimento com o Programa de Aceleração do Crescimento 1, no governo do presidente Lula, ao retomar a Norte-Sul e a Ferrovia Transnordestina e a de integração Oeste-Leste, na Bahia.

No entanto, é necessário reconhecer que ao longo deste período, dos últimos 50, 60 anos, o nosso conhecimento, os nossos projetos não se voltaram, infelizmente, para essa área. Os resultados que mencionei anteriormente, eles mostram que este é um processo em que o governo deve atuar, em que essa parceria com o setor privado é crucial e essencial. E eu não falo apenas de recursos econômicos, nem, sobretudo, de recursos econômicos. Eu falo, sobretudo da capacidade de gestão que o setor privado brasileiro tem de imprimir nos investimentos de infraestrutura para resultar num processo no qual nós tenhamos ganhos de eficiência e de produtividade nesses investimentos. Não nos seus resultados apenas, mas também na sua realização.

São essas parcerias que vão nos permitir acelerar o crescimento e oferecer bens e serviços mais adequados e mais eficientes ao país.

Ao falar em parceria, não posso deixar de mencionar dois programas de meu governo que muito me orgulham, o Pronatec e o Ciência sem Fronteiras. Nos dois, contamos com uma parceria fundamental da Confederação Nacional da Indústria – e aqui eu quero cumprimentar mais uma vez o Robson, pela efetividade dessa parceria. Nos dois, estamos enfrentando juntos o desafio de elevar a qualificação e a formação profissional de nossos jovens trabalhadores. No Pronatec nós já chegamos a 5,450 milhões matrículas em cursos técnicos e de qualificação. Tudo isso em apenas dois anos. Dois anos em que nós nos articulamos ao Sistema S, sobretudo, ao Senai, mas também ao Senac, ao Senar, a toda a estrutura federal de institutos tecnológicos e também as parcerias com institutos estaduais e escolas técnicas.

Tudo isso nós fizemos porque fomos capazes de ousar dizer que nós iríamos criar 8 milhões de vagas. Naquele momento pareceu que era uma proposta inatingível. Hoje nós não só conseguimos, mas também acho que nos aprimoramos muito e aprendemos muito como fazer mais e melhor. Não sei se vocês se lembram, mas eu estive aqui, o ano passado, no ENAI. Naquela época a gente tinha conseguido apenas 2,5 milhões matrículas. Agora nós praticamente passamos um pouco dos 5 milhões, são 5,450 milhões de matrículas. Vejam que isso ocorreu em apenas 1 ano, e nesse ano nós conseguimos esse feito.

Nós estamos nos preparando para melhorar as condições de produtividade do trabalho no Brasil. Elemento essencial tanto para competir nessa fase de dificuldade e incertezas internacionais, mas, sobretudo, quando se tratar da etapa de recuperação da economia internacional.

Cada um dos R\$ 14 bilhões que o governo federal investiu no Pronatec valeu e vale a pena. Está aí esse sucesso que nós construímos.

No Ciência sem Fronteiras, nós hoje estamos com 60 mil jovens estudantes brasileiros no exterior com bolsas nas melhores universidades no mundo, que na sua volta vão ajudar a dar o salto tecnológico que nossa economia precisa. No caso do Ciência sem Fronteiras, uma inovação que vai começar agora que eu considero muito importante para indústria é o chamado mestrado profissional. Nós iremos abrir uma seleção pública para profissionais que estão na indústria e em outras áreas também para se especializarem e através de um mestrado profissional, o que também vai elevar a produtividade da nossa mão de obra.

Nos dois casos – Pronatec e Ciência sem Fronteiras – estamos alcançando resultados importantes para a competitividade da nossa indústria e para toda a nossa sociedade. Trabalhadores mais preparados são mais produtivos e mais capazes de inovar, e trabalhadores mais produtivos e com mais capacidade de inovar, têm mais oportunidades de melhorar a sua vida e a da sua família.

Com nossa decisão de destinar para a educação 75% dos royalties e metade do fundo social gerado pelo excedente em óleo do pré-sal, nós vamos poder acelerar ainda mais nossos avanços em educação. Essa foi, aliás, outra conquista histórica de 2013, pois vamos transformar esta riqueza finita que é o petróleo, num grande e perene patrimônio para a nossa população que é a educação. Essa alquimia que transforma petróleo em conhecimento e em educação, ela vai beneficiar muito a nossa estrutura produtiva e, nas próximas gerações, nós vamos contar com trabalhadores cada vez mais bem formados, com uma sociedade cada vez mais bem-educada e capaz de produzir conhecimento e inovação, criando as bases para a expansão do conhecimento científico e tecnológico e, portanto, da competitividade de nossa indústria e de toda a nossa economia.

Senhoras e senhores,

O Brasil mudou muito nas últimas décadas. Tornou-se um país mais justo, mais inclusivo, menos desigual e mais democrático. A continuidade desse processo exige que nós persigamos sistematicamente o objetivo de crescer e o objetivo de distribuir. Isso requer compromisso com o desenvolvimento da indústria, que está no cerne dos ganhos de produtividade, essenciais para o nosso crescimento sustentável. Nós não concordamos em nos especializar como uma economia de serviços. O Brasil deve criar uma indústria forte, condição para uma nação forte e, sobretudo, essencial para que de fato tenhamos a competitividade necessária, porque só a produtividade industrial combinada com a nossa extraordinária, mas a nossa extraordinária mesmo, capacidade de produzir alimentos e proteínas e um setor de serviços pujante pode transformar o Brasil numa grande nação.

Uma infraestrutura requer a atenção de todos nós, e será um desafio que todos nós – indústria, agricultura, serviços, governo e sociedade – vamos ter também de enfrentar juntos: é a construção e a estruturação no Brasil de um sistema de banda larga de alta capacidade. Isso é essencial não só para o nosso processo educacional, mas, sobretudo, é essencial para levar o Brasil para de fato se introduzir na era da economia do conhecimento.

Todos esses processos vão requerer que nós continuemos apoiando o investimento produtivo, a infusão tecnológica, melhorando a nossa infraestrutura e a nossa logística. Neste processo é essencial que nós ampliemos a modernização e a racionalização do Estado brasileiro. Eu não estou falando de governo, estou falando das estruturas do Estado brasileiro. Requer que nós modernizemos a nossa forma de nos relacionar,

governo-sociedade, Estado-sociedade. E também vai requerer um combate à tradição, infelizmente burocrática, que o Brasil, a tradição do selo e do carimbo, que o Brasil adotou desde a colônia. Nenhum país do mundo entrou na era do desenvolvimento, ou melhor, se tornou um país desenvolvido e uma nação próspera e educada sem ter passado por processos, mal ou bem, de modernização das estruturas institucionais e da sua capacidade de relacionar-se com a sociedade.

Por isso, a questão levantada muitas vezes aqui na CNI do combate à burocracia se torna tão essencial. Nós não podemos continuar tendo múltiplas portas de entrada, nós não podemos continuar tendo processos que se sobrepõem, nós não podemos continuar criando entraves para aquelas essenciais medidas que significam a melhoria do sistema produtivo do país. Por isso, nós agora teremos de utilizar tanto a tecnologia quanto a racionalidade para que isso possa ocorrer com a celeridade que o Brasil precisa. Quando nós encaramos o tema desse 8º ENAI, uma das questões principais que deve chamar nossa atenção para todos os anos que vão transcorrer a partir de agora é esse compromisso com modernização do Estado brasileiro. Todos esses compromissos, o da infraestrutura, o da reforma tributária, são compromisso que eu reafirmo a todos os industriais reunidos aqui, mas esse, eu acredito que nós temos de erigir como um compromisso da sociedade brasileira, porque ele também está lastreado por uma cultura que, de uma forma ou de outra, está em muitos de nós. Nós fizemos até agora muito, sabemos que ainda falta muito por fazer.

Por isso que esses compromissos não podem ser relação só dentro do governo. É algo que nós só de fato modificaremos se nós construirmos parcerias dos tipos que viemos construindo até aqui. Porque o Brasil desenvolvido, o Brasil justo, educado, próspero que almejamos somente será construído com a participação de todos nós. Qualquer outra possibilidade nós devemos descartar. Não só é ineficaz, mas, sobretudo do ponto de vista da melhoria da nossa institucionalidade e da nossa democracia e da nossa cidadania, não é um bom caminho. O bom caminho é essa parceria que nós fazemos juntos e fizemos aqui com a indústria.

Muito obrigada.

Declaração à imprensa da Presidenta da República, Dilma Rousseff, após encontro bilateral com o Presidente da República francesa, François Hollande – Brasília/DF Brasília-DF, 12 de dezembro de 2013

Excelentíssimo senhor François Hollande, presidente da República Francesa.

Senhoras e senhores ministros de Estado e integrantes das delegações da França e do Brasil.

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Com grande alegria recebemos hoje em Brasília o presidente François Hollande que retribui a visita que fiz à França em dezembro de 2012. Naquela ocasião, pude sentir a amizade do governo e do povo franceses em relação ao Brasil. Foi também a oportunidade para discutirmos os grandes problemas que afetam a França e o Brasil a partir do cenário internacional.

Senhoras e senhores,

França e Brasil mantém uma cooperação cujos conteúdos, abrangência e profundidade a tornam única. Isso é verdadeiro, sobretudo, nas indústrias de defesa e de bens de alta tecnologia. Reiterei ao presidente Hollande minha satisfação com a implementação do Programa de Desenvolvimento de Submarinos da Marinha do Brasil, o Prosub, que prevê a construção conjunta de quatro submarinos convencionais e uma propulsão nuclear, entre outras atividades. O Prosub garante a transferência de tecnologia e a nacionalização de processos produtivos, o que coincide com a essência da nossa estratégia nacional de defesa.

Nessa mesma direção está a nossa cooperação bilateral para a construção de helicópteros e a escolha da empresa Thales Alenia Space para o fortalecimento de nosso satélite geoestacionário de defesa e comunicação de uso civil e militar.

Há ainda avanços efetivos em nossa colaboração na área de computação de alto desempenho. O plano de trabalho estabelecido entre nós prevê a aquisição de um supercomputador da BULL, a instalação e dois centros de pesquisas, um em Petrópolis, em parceria com o LNCC, e outro no Rio de Janeiro, na Coppe, em parceria com a BULL. Prevê ainda transferência de tecnologia para a fabricação, no Brasil, dos sistemas de supercomputação em alto desempenho por meio de parceria com o fabricante nacional. Atualmente, apenas 10 países detêm capacidade instalada nesse campo. Com a implementação desse plano de trabalho, o Brasil entra para esse restrito grupo e vai desenvolver atividades de pesquisa em áreas estratégicas.

Discutimos ainda o estratégico e promissor cenário de investimentos entre o Brasil e a França. Neste particular, destaco a participação da Total no consórcio liderado pela Petrobras que explorará o campo de Libra no pré-sal. Isso ilustra opção cada vez mais clara do empresariado francês e internacional de olhar a prosperidade de suas companhias, ligadas ao dinamismo e ao vigor do mercado brasileiro.

Da mesma forma, a parceria entre a Areva e a Eletrobras mostra a opção do Brasil no desenvolvimento de tecnologia de produção de energia com base nuclear.

A existência de oportunidades em diversos setores explica a forte presença de empresas francesas no Brasil. Exemplos disso são: a expansão da aliança empresarial Renault-Nissan, na fábrica de Rezende, com investimento de R\$ 6 bilhões beneficiado pelo Programa Inovar Auto; e a presença do grupo Casino no setor de supermercado e constituindo-se hoje no maior empregador no Brasil.

Apesar da crise financeira internacional, nosso comércio bilateral registrou expressivo crescimento nos últimos 5 anos. Reiterei nesse contexto interesse do Brasil no avanço das negociações Mercosul-União Europeia com vistas à obtenção de um acordo mutuamente vantajoso.

No terreno da educação, expressei ao presidente Hollande meu reconhecimento pelo apoio que temos recebido de seu governo no programa Ciência sem Fronteiras. A França é hoje o 3º principal destino dos bolsistas brasileiros do Ciência sem Fronteiras e já recebeu 4,8 mil bolsistas, dos quais 2.226 ainda se encontram naquele país. São em sua maioria estudantes de engenharia, e merece destaque o esforço expressado no acordo entre os dois governos para que nossos alunos complementem sua formação com estágios técnicos em empresas francesas.

Senhoras e senhores,

O presidente Hollande e eu também conversamos sobre uma outra parceria entre a França e o Brasil. Queremos ser sócios na construção de uma ordem mundial mais justa, mais igualitária e mais democrática. Nesse particular quero agradecer de público ao presidente Hollande pelo apoio da França à bem-sucedida iniciativa brasileira e alemã nas Nações Unidas em defesa do direito à privacidade na era digital.

Reiterei ao presidente nossa expectativa de contar com uma representação francesa na reunião multisetorial global sobre o futuro da governança da internet que realizaremos em São Paulo nos dias 23 e 24 de abril de 2014.

Muito nos interessa também uma parceria com a França em todas as áreas que dizem respeito à defesa cibernética. Por outro lado é importante dizer que esse evento do dia 23 e 24 de abril reunirá representantes de governos, organizações internacionais, comunidade técnica, acadêmica, da sociedade civil e do setor privado internacionais. Coincidimos sobre a urgência de agir conjuntamente contra as ameaças da mudança do clima, cientes de que a COP 21, em Paris, em 2015, vai representar uma ocasião importante para avançarmos nas negociações de novo instrumento legal que estabelecerá as bases adequadas à necessária redução das emissões de gases de efeito estufa, da adaptação aos efeitos da mudança do clima e a promoção do desenvolvimento sustentável.

Saudamos o resultado positivo da recém-concluída Conferência Ministerial de Bali, que aprovou os primeiros acordos negociados da história da OMC, criando condições para a atualização e fortalecimento do sistema internacional de comércio.

Sobre a atuação no plano internacional, nós ressaltamos – o Brasil – os efeitos encorajadores da destruição do arsenal químico na Síria e a convocação da Conferência de Paz Genebra 2, com a participação de todas as partes em conflito. O Brasil, que conta com uma expressiva descendência, uma população de descendência Síria, continua apoiando esforços diplomáticos para pôr fim ao conflito, bem como a urgência em fazer frente à crise humanitária que se abate sobre o país.

Examinamos igualmente as negociações em torno do programa nuclear iraniano, nas quais a França desempenha papel muito importante. Há uma expectativa do Brasil que haja uma conclusão satisfatória de um acordo que atenda as preocupações da comunidade internacional e, ao mesmo tempo, respeite o direito do Irã ao uso pacífico da energia nuclear.

Cumprimentei, por fim, o presidente Hollande pela classificação da seleção francesa, *Les Bleus*, para a Copa do Mundo. A França, que tem sido um adversário particularmente do Brasil em mundiais, jogará as suas partidas da primeira fase em Porto Alegre, Salvador e Rio de Janeiro e poderá, portanto, apreciar toda a variedade e beleza das regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. Tenho certeza que o Brasil sairá vencedor, porém considero importante que a França tenha uma colocação muito expressiva. Isso como torcedora.

Agradeço mais uma vez ao presidente e ao amigo François Hollande pela visita e tenho a honra de lhe passar a palavra.

**Brinde da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante almoço em homenagem ao presidente da República francesa, François Hollande, e senhora Valérie Trierweiler – Brasília/DF
Palácio Itamaraty, 12 de dezembro de 2013**

Excelentíssimo senhor François Hollande, presidente da República Francesa, e senhora Valérie Trierweiler,

Senhor Michel Temer, vice-presidente da República,

Senhor Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,

Ministro Joaquim Barbosa, presidente do Supremo Tribunal Federal,

Senhoras e senhores ministros de Estado e integrantes das delegações da França e do Brasil,

Senhor governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz,

Senhores senadores José Sarney, Fernando Collor de Mello, ex-presidentes da República,

Senhor presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal, Ricardo Ferraço,

Senhores deputados federais Nelson Pellegrino, presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara dos Deputados.

Senhor Hugo Napoleão, da Comissão Brasil-França,

Senhoras e senhores empresários, acadêmicos e dirigentes de instituições de ensino e pesquisa da França e do Brasil.

Senhores integrantes das delegações brasileiras e francesas,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

Receber o presidente e amigo François Hollande é uma ocasião especial. Quem nos visita não é apenas o Chefe de Estado de uma grande nação, trata-se também do governante do país que é aliado estratégico do Brasil, de um verdadeiro amigo do nosso país.

Em 2012, o recém-eleito presidente da França não poupou esforços para deslocar-se de Los Cabos, no México, onde assistíamos a Cúpula do G20, a fim de participar, aqui no Brasil, da Conferência Rio+20. A cada visita recordamos os laços históricos que unem nossos países. São muitos os valores compartilhados por nossos povos. É profunda a influência das ideias e das lutas que marcaram a história dos franceses na cultura política brasileira. Quando minha geração insurgiu-se contra a ditadura em meu país, nossa luta em muito se inspirou no ambiente de contestação libertária e de possibilidades múltiplas de maio de [19]68.

Hoje, a parceria entre a França e o Brasil sustenta-se igualmente no propósito compartilhado de consolidar uma relação mutuamente vantajosa. Assenta-se no interesse comum de construir uma ordem internacional, multipolar e multilateral, que promova o desenvolvimento sustentável com justiça social e paz para todos. Move-nos a convicção de que França e Brasil possuem atributos estratégicos muito complementares – o dinamismo econômico e as dimensões do mercado brasileiro, a autonomia tecnológica e o progresso técnico franceses – para que fortaleçamos nossos respectivos projetos

nacionais. E, mais do que isso, possuem uma tradição de atuação soberana na cena global, que lhes permite contribuir decisiva e conjuntamente para a construção de um mundo livre da opressão econômica, social e política.

Amigo presidente,

Examinamos hoje as manifestações mais diversas de nossa parceria. Ela abrange a cooperação nos domínios de alta tecnologia e dos produtos de defesa, o pleno aproveitamento do potencial de nossos mercados e nossos recursos, a comunhão de esforços na formação intelectual de nossos jovens e, como já mencionei, o diálogo franco sobre os temas de governança global.

Expressei ao presidente Hollande minha satisfação com o andamento dos programas bilaterais de submarinos e helicópteros. Expressei a minha satisfação com o novo campo promissor que se abre em nossa parceria, como demonstra a escolha da empresa Thales Alenia para o fornecimento de nosso satélite geoestacionário; com a aquisição de um supercomputador; com o Programa Ciência sem Fronteiras, que já tem na França um dos principais destinos de estudantes brasileiros. O vibrante e diversificado vínculo entre nossas economias explica o expressivo intercâmbio comercial bilateral, bem como os crescentes fluxos de investimento de lado a lado.

Cientes desse enorme potencial que podemos desenvolver, o presidente Hollande e eu decidimos lançar hoje o Fórum Econômico Brasil-França, e amanhã participaremos juntos no Encontro Econômico França-Brasil, em São Paulo.

Ao renovar nossa parceria, quero recordar o quanto ela representa para um segmento muito especial de franceses e brasileiros, aqueles que convivem em nossa fronteira comum entre o Amapá e o Departamento Ultramarino da Guiana, nossa fronteira com a França. Esses cidadãos têm na integração e na cooperação a melhor garantia de mais progresso material e maior abertura ao mundo. Por isso, é muito importante esta aprovação, nos nossos Parlamentos, do acordo de proteção à questão relativa às práticas de garimpo ilegal, é o acordo contrário a essas práticas de garimpo ilegal.

Em 2014, nossa paixão comum pelo futebol vai encontrar seu momento mágico por ocasião da Copa do Mundo que sediaremos. Desejo muita sorte à seleção francesa, já expliquei que exceto contra o Brasil. Tenho certeza que realizaremos aqui a melhor edição do Mundial de Futebol de todos os tempos, a Copa das Copas. Todas as seleções campeãs participarão deste evento de uma forma muito especial.

Com essas considerações, amigo presidente, permita-me dizer-lhe, uma vez mais, a honra e a alegria que temos em recebê-lo entre nós. Convido todos a erguer um brinde à saúde e felicidade do presidente François Hollande, à de sua esposa, seus colaboradores, seus concidadãos, e à sólida amizade entre o Brasil e a França. Saúde.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega do Prêmio Direitos Humanos 2013 (19ª Edição) – Brasília/DF
Centro Internacional de Convenções do Brasil - Brasília-DF, 12 de dezembro de 2013**

Eu queria cumprimentar a Débora Maria da Silva. Por intermédio da Débora, eu cumprimento a todos os agraciados do Prêmio Direitos Humanos 2013.

Cumprimento o senhor Angelino Garzón, vice-presidente da República da Colômbia,

Cumprimento todos os ministros de Estado aqui presentes, ao saudar a ministra Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos,

Cumprimento o senhor Paulo Vannuchi e o deputado Nilmário Miranda, ex-ministros da Secretaria de Direitos Humanos,

Cumprimento os senadores Ana Rita, Eduardo Suplicy, Paulo Paim,

Cumprimento os deputados federais Fátima Bezerra e Paulão,

Cumprimento os representantes dos movimentos sociais e participantes do Fórum Mundial de Direitos Humanos,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Nesta semana, a humanidade se despede de Nelson Mandela, cujo exemplo de vida e de lutas continuará guiando todos aqueles que defendem a justiça social, a paz e os direitos humanos em todo o mundo. Falar de Mandela nos remete à resistência contra todo tipo de opressão. Falar de Mandela nos remete à capacidade de união de um povo. Falar de Mandela nos remete à capacidade de um líder construir, através do seu exemplo, um país livre do racismo e da opressão; nos lembra valores como tolerância e pluralismo; nos compromete com a construção de uma sociedade livre de todas as formas de violência e cada vez mais justa e solidária. Esta é a luta que cada um dos 25 agraciados com o Prêmio Direitos Humanos de 2013 trava em seu cotidiano. As pessoas e as instituições que homenageamos hoje se empenham em batalhas contra o preconceito, a violência, a tortura, os abusos de poder, a miséria, o abandono, a exploração sexual, o trabalho escravo e infantil.

Nossos homenageados são pessoas que decidiram fazer de suas vidas uma trincheira na defesa intransigente dos direitos humanos, pessoas comuns que, ao falar por aqueles que são negligenciados, excluídos e violentados, tornam-se especiais por sua dedicação e luta por uma sociedade comprometida com o respeito aos direitos humanos.

Senhoras e senhores,

Eu quero dirigir o maior e sincero reconhecimento a todos os premiados. Parabéns, obrigada por serem o que são.

Senhoras e senhores,

O respeito e o fortalecimento ao direito dos humanos são diretrizes do meu governo, diretrizes que temos perseguido com empenho e entusiasmo. Não podia ser diferente. A trajetória de luta e resistência contra a ditadura, a trajetória de defesa de todos aqueles que lutaram pela democratização do nosso país exige que trabalhem para a afirmação dos direitos humanos, compreendendo sua universalidade e interdependência. Assumimos compromissos claros para a inclusão social, para a inclusão econômica e para a inclusão da cidadania de todos os brasileiros e brasileiras, sobretudo aqueles mais pobres e vulneráveis.

Com o Brasil sem Miséria, nós vencemos o desafio da superação da extrema pobreza, condição necessária para garantir o acesso de uma enorme parcela de nossa população às riquezas do país. Temos um imenso orgulho em dizer que retiramos 22 milhões de brasileiras e brasileiros da miséria. Abrimos para eles as portas dos serviços públicos e estamos dando apoio para que eles sejam sujeitos de sua própria vida. O Viver sem Limite está nos ajudando a garantir aos brasileiros e brasileiras com deficiência o direito de viver com autonomia e independência, e desenvolver todas as suas potencialidades:

inclusão escolar, acesso a serviços adequados de saúde, direitos a moradias adaptáveis do Minha Casa Minha Vida, crédito, direito de retornar ao BPC em caso de perda de emprego, esses são alguns dos exemplos de ações para eliminar barreiras e ampliar o acesso das pessoas com deficiência a serviços e direitos.

Concedemos também atenção especial às crianças e adolescentes nas políticas de proteção social. A redução do contingente de crianças submetidas ao trabalho infantil, a frequência crescente à escola e o ativo enfrentamento à exploração sexual de nossas crianças e adolescentes são ações fundamentais a favor do direito da pessoa a uma vida plena.

Com o Mais Médicos, estamos levando atenção à saúde para as populações antes desassistidas nas periferias das grandes cidades. As Casas da Mulher Brasileira vão nos permitir fortalecer muito o combate a esse crime covarde que ainda envergonha nossa sociedade, que é a violência contra a mulher.

Nosso compromisso com o enfrentamento da violência que atinge a população LGBT é firme e inquestionável. Com o compromisso nacional para o envelhecimento ativo, vamos ampliar o acesso dos idosos às políticas sociais plenas do governo. Adotamos a Lei de Cotas nas universidades públicas e enviamos ao Congresso Nacional proposta de implementação de cotas raciais em concursos públicos federais. O Brasil exige e necessita de políticas afirmativas para superar de vez o preconceito e a discriminação racial, e as desigualdades sociais que ainda marcam nossa sociedade.

Implantamos, em agosto, o Estatuto da Juventude, um pacto pela juventude brasileira, por mais igualdade, mais oportunidade e mais participação. Com o Juventude Viva estamos enfrentando uma das maiores chagas de nossa sociedade: a violência contra jovens, – em especial negros e pobres –, das periferias de nossas grandes cidades.

Nós vamos juntos superar esse cenário de mortalidade da juventude. Porque a história de um grande país não se faz com uma juventude sendo objeto de violência, se faz com uma juventude viva. Muito me orgulha ter implantado a Comissão Nacional da Verdade, que está nos permitindo resgatar o direito à memória e à verdade. Todos os povos precisam conhecer, sem nenhuma restrição, a sua própria história, até para não repetir os erros do passado.

Estamos, senhoras e senhores, preocupados com o fato de que devemos criar todas as condições para que a nossa constituição, que proíbe que qualquer cidadão seja submetido a tortura ou a tratamento desumano ou degradante, seja respeitada. Apesar de termos ratificado a Convenção das Nações Unidas contra a Tortura e seu protocolo adicional, é necessário reconhecer que a tortura continua existindo em nosso país. Eu, que experimentei a tortura, sei o que ela significa de desrespeito à mais elementar condição de humanidade de uma pessoa. Estamos determinados a mudar este quadro. Esta é a razão para celebrarmos a regulamentação da lei que instituiu o Sistema Nacional de Prevenção e Combate à Tortura. O Estado brasileiro não aceita, nem aceitará, práticas de tortura contra qualquer cidadão.

Minhas amigas e meus amigos,

Estamos construindo um Brasil onde os direitos humanos são garantidos, onde a tolerância seja a regra, onde o respeito e a valorização da vida sejam o princípio básico e fundamental.

Mais uma vez, parabéns aos homenageados pelo Prêmio de Direitos Humanos 2013. Vocês representam o Brasil que faz a diferença, vocês representam o que nós queremos para o nosso país.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração do Hospital de Clínicas municipal José Alencar - São Bernardo do Campo/SP

São Bernardo do Campo-SP, 13 de dezembro de 2013

Eu queria iniciar agradecendo, primeiro, o título de Cidadã São-bernardense. Me orgulha muito receber este título, principalmente porque São Bernardo, além de ser essa grande cidade do nosso país, ela tem a grande vantagem de ter sido a pátria da redemocratização em nosso país, e de ter tido o presidente Luiz Inácio Lula da Silva como um grande líder. O grande líder desse país responsável, não só pelo processo de democratização, mas por ter colocado no centro de toda a política, da boa política, o povo brasileiro. De olhar para o crescimento do povo brasileiro com uma condição fundamental que um presidente eleito pelo povo, mas não apenas enquanto presidente, como líder sindical, como atuando aqui em São Bernardo e como um brasileiro que levou essa mensagem para todos os brasileiros. E aí, eu queria registrar também que, junto com ele, tinha uma companheira muito valorosa: a nossa companheira Marisa Letícia Lula da Silva, que também acompanhou todas as lutas, que esteve junto nas horas difíceis e que participou, diretamente como companheira de todos nós, desse processo. Então, muito me honra.

E aí, eu queria agradecer – inverter um pouquinho a pauta – e agradecer, aqui, o vereador Tião Mateus, presidente da Câmara Municipal de São Bernardo do Campo, por meio de quem eu cumprimento todos os vereadores aqui presentes e agradeço o título de Cidadã São-bernardense.

Cumprimento nosso ministro Padilha. E vocês viram que o nosso ministro da Saúde é uma pessoa que tem um compromisso de alma com a questão da saúde pública no nosso país, e com o tratamento humano, o tratamento humano, que é uma questão fundamental para nós hoje, porque, como ele mesmo disse, coloca a pessoa no centro do atendimento à saúde pública.

Queria cumprimentar a Miriam Belchior, ministra do Planejamento, Orçamento e Gestão, que é aqui do ABC, mais concretamente de Santo André.

Queria também cumprimentar o nosso querido, o nosso grande prefeito Luiz Marinho, de São Bernardo do Campo, presidente do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC. E a Nilza de Oliveira, secretária e também primeira-dama do município. O Marinho, o Marinho foi um dos mais talentosos ministros do presidente Lula, tanto como ministro do Trabalho quanto como ministro da Previdência Social. E se hoje nós conseguimos superar aquela tragédia – não sei se vocês lembram – das filas do INSS, a gente se deve à determinação do presidente Lula e à capacidade do Marinho de gerir o Ministério da Previdência.

Queria cumprimentar também o nosso querido Josué Gomes da Silva, filho do meu companheiro, meu querido companheiro, meu saudoso companheiro José Alencar. Eu me

recordo que ele, já com grande dificuldade e com problemas sérios de saúde, queria ir à minha posse. Me recordo e me emociono sempre que eu lembro disso, pela imensa solidariedade dele, pelo espírito de luta, o espírito de luta, tanto na doença como na vida diária. Ele sempre foi um corajoso companheiro que ajudou o presidente Lula, ajudou a cada um de nós e que sempre tinha palavra de apoio. Eu tenho, como todas as pessoas, momentos em que a gente carrega uma grande dor na vida. Um dos momentos em que eu carreguei uma grande dor foi quando da perda do Zé Alencar. Nada mais honroso de estar aqui hoje, na inauguração de um hospital dessa qualidade com o nome do Zé Alencar. Eu tenho certeza de que ele está, neste momento, extremamente alegre.

Queria cumprimentar o senador Humberto Costa, ex-ministro da Saúde Humberto Costa, responsável por um dos programas mais importantes dos nossos governos, que foi o Samu.

E aí cumprimentar, também, o Artur Chioro, secretário de Saúde de São Bernardo e grande responsável – na administração do Marinho – por um hospital dessa qualidade.

Eu queria cumprimentar os deputados federais Arlindo Chinaglia, Carlos Zarattini, Devanir Ribeiro, Newton Lima. O Arlindo Chinaglia, líder do meu governo na Câmara Federal.

Cumprimentar a deputada estadual Ana do Carmo,

Cumprimentar, de maneira toda especial, o secretário de Saúde do estado de São Paulo, David Uip. Porque o Dr. David Uip, além de ser secretário e estar aqui representando o governador Alckmin, é também o médico que me atendeu e que eu... porque eu também tive câncer e que eu tenho muito orgulho de ter sido tratada por ele, um médico da qualidade do Dr. Uip.

Queria mais uma vez cumprimentar o Arthur Chioro, secretário de Saúde aqui de São Bernardo,

Cumprimentar os prefeitos: aqui, o de Santo André, o nosso querido Carlos Grana; o prefeito de Mauá, Donizete Braga; o prefeito Gabriel Maranhão, de Rio Grande da Serra; a vice-prefeita de Diadema, Silvana Guarnieri.

Dirigir um cumprimento ao nosso querido prefeito de Araçatuba, que sempre, toda vez que me encontra, pela milésima vez, se apresenta: “Eu sou o prefeito de Araçatuba”.

Então, eu cumprimento o Cido, nosso querido prefeito de Araçatuba,

Agradecer mais uma vez aos vereadores, em especial ao vereador Tião Mateus.

Cumprimentar o superintendente do Hospital de Clínicas, Daniel Beltrame,

Cumprimentar o presidente do Conselho Municipal de Saúde, Luciano Lourenço,

E, finalmente, cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu queria dizer para vocês que hoje eu estou aqui e o Hospital das Clínicas José Alencar é um presente especial que nós aqui, todos juntos, entregamos à população de São Bernardo do Campo. E aí, eu fico muito honrada com isso. Eu fico muito honrada porque o Padilha disse: “Se não é, se não está, sem dúvida nenhuma está entre os melhores”. Eu quero dizer para vocês uma coisa: eu entrei aqui, eu já fui em muito hospital, eu fui em muita inauguração, mas eu entrei aqui e me espantou, no bom sentido da palavra, a qualidade do hospital, a qualidade dele, os detalhes. Por exemplo, na UTI, me chamou atenção – até porque o Arthur me mostrou – o fato que na UTI você tem janelas, que essas janelas dão para uma vegetação, uma plantinha verde. Me chamou a atenção o

cuidado que este hospital tem nos mínimos detalhes, além do fato de ele ser equipado com equipamentos de última geração. Mas ele tem aquele cuidado também com as pessoas que vão acompanhar os doentes. A sala em que os pacientes, familiares que acompanham... aliás, os familiares que acompanham pacientes na UTI é uma sala toda cuidadosa, é uma sala que vai ter o conforto para garantir que as pessoas que estão passando por um momento difícil não tenham ainda o absurdo de viver uma situação de desconforto e falta das mínimas condições de passar o tempo difícil ali.

Este hospital, então, ele tem algo que eu considero que é o elemento principal. O principal elemento é: ele é um hospital feito e construído e, mais do que tudo, imaginado para atender pessoas, porque um hospital feito para atender pessoas, ele tem que levar em conta o elemento fundamental quando se está doente. Quando a gente está doente, a gente está frágil; quando a gente está doente, a gente está desprotegido. Nós estamos na situação humana mais difícil que é quando a gente enfrenta o fato de que a gente é mortal.

Então, este hospital tem um grau de humanidade que torna essa – se é possível dizer – essa situação de fragilidade mais facilmente suportável, porque ele é acolhedor, ele nos envolve, ele permite justamente que a gente se sinta melhor, que a gente trabalhe a parte psicológica do doente e que transforme essa em uma situação menos penosa.

Eu quero dizer que ele faz jus à importância de São Bernardo nesta região. Ele vai garantir um atendimento do que se chama de alta complexidade, e isso é muito importante em uma região populosa como esta. Não só para São Bernardo, mas para Diadema, e para Santo André e para as cidades vizinhas, porque será uma forma de diminuir a pressão de demanda sobre esses outros hospitais.

Eu acredito que poucos hospitais, pelo menos os quais eu conheci nesses últimos tempos, têm essa capacidade para 1,5 mil internações, 1,5 mil cirurgias, 10 mil consultas por mês. É um grande hospital, sem dúvida, um hospital do tamanho de São Bernardo.

E esta é uma parceria, porque esse empreendimento exige que estejamos juntos, governo estadual, prefeitura e governo federal, e que o governo federal coloque uma parte maior dos recursos. Nós todos aqui estamos investindo R\$ 240 milhões, R\$ 126 milhões é a parte do governo federal, e certamente nós daremos uma contribuição significativa na manutenção desse hospital, na garantia que esse hospital terá um serviço à altura da sua qualidade.

O Hospital José Alencar é um dos maiores investimentos do governo federal na área de saúde aqui no estado de São Paulo. Não é o único investimento nosso, porque nós olhamos a questão da saúde, como falou o Padilha, como uma rede. Não basta ter hospital, você precisa ter posto de saúde, UPA – Unidade de Pronto Atendimento de Urgência e hospital. Cada um deles resolve um certo tipo de problema. O que não é possível é só ter um deles. Por exemplo, tudo indica, segundo o Ministério da Saúde, que 80% dos problemas de saúde são resolvidos nos postos de saúde. Agora, para resolver os problemas nos postos de saúde é preciso ter médico nos postos de saúde, resolvendo aqueles problemas básicos que as pessoas têm ao longo da sua vida: problema de pressão, problema... quem é diabético, problema de... tem que fazer o controle da sua taxa de açúcar, que tem criança tem que olhar o problema... muitas vezes a criança pode ter bronquite, asma, enfim, aqueles problemas mais básicos. Depois, na UPA, se

resolvem 97% ou 95%, eu não tenho certeza – Padilha, é 95 ou 97? – 97% dos demais problemas se resolvem na UPA. Porque uma UPA tem até uma UTI, uma UTI menor, mas, por exemplo, se uma pessoa tiver um ataque do coração, ela pode ser estabilizada na UTI da UPA. E, por fim, nós temos o hospital para os casos mais graves. Daí porque também o Samu é muito importante, porque quem leva de uma linha, de um ponto a outro da rede é o Samu. Sem um sistema de ambulâncias, você não tem como estruturar uma rede. Também sem um sistema de controle de leitos, você não tem um controle adequado da rede.

Pois bem, a situação do nosso país é que nós temos que melhorar a qualidade do atendimento no posto de saúde, na UPA e nos hospitais. Temos que melhorar a qualidade do atendimento em todas essas áreas. Para isso a gente tem que começar. Então nós começamos. E como é que nós começamos? Nós começamos do único jeito que dá para começar: escutando as pessoas, vendo aquilo que era a maior reclamação da população brasileira quando se trata da saúde. Qual era ela? As pessoas querem ser atendidas por um médico. Eu, quando estou doente, quero ser atendida por um médico, a senhora quer ser atendida por um médico. Enfim, cada um de nós quer as mesmas coisas e queremos o melhor atendimento possível: que o médico preste atenção, que o médico nos escute e que nos responda e que dê a nós a orientação que nós precisamos.

O que nós vimos em todas as enquetes especiais que o Ministério da Saúde faz é que as pessoas queixavam e reclamavam muito que não tinham acesso a médico, não ia no posto de saúde, principalmente as pessoas mais pobres que moravam nas periferias das grandes cidades, nas periferias das cidades médias, no interior do nosso país, no Nordeste – principalmente na região do semiárido –, no Amazonas e também aquelas populações de indígenas, principalmente nos distritos indígenas, e as populações negras quilombolas.

Por isso, nós resolvemos fazer todo um chamamento para garantir que houvesse médico suficiente para atender à nossa população. E notamos outra coisa: além de não ter médico aí, nós tínhamos uma certa escassez de médicos especialistas. Por exemplo, médico pediatra. Médico pediatra é uma coisa difícil de você ter no Brasil em número suficiente. Então o que nós fizemos? Resolvemos, primeiro, providenciar que houvesse formação de médicos aqui no Brasil. Criar escolas de medicina, como essa que será criada aqui em São Bernardo, em vários pontos do país. Aumentar o número de médicos formados no Brasil e aumentar o número de especialistas. Mas, demora a formar médicos e demora a fazer também os cursos de especialização. Mais de seis anos tudo isso demora.

Como a gente tinha que providenciar e tinha que atender com urgência à população, nós abrimos também o programa Mais Médicos, não só nessa questão de aumentar as escolas de medicina, mas de aumentar o número de médicos, prontamente, com urgência, no nosso país. E aí chamamos primeiro médicos brasileiros. Depois chamamos médicos estrangeiros, tanto estrangeiros quanto ao diploma, porque tem muito médico brasileiro formado no exterior, como médicos de outros países formados nos outros países. E é esse programa Mais Médicos que hoje tem por objetivo garantir o atendimento da nossa população. E garantir o atendimento nos postos de saúde, de forma que as pessoas tenham acesso a eles no período em que eles vão prestar esse serviço, de

segunda a sexta-feira, durante todo o horário que eles vão prestar o serviço e, obviamente, em alguns casos, até fora do horário. Mas o que é importante é perceber que os municípios todos do país, como São Bernardo, como todos os municípios aqui do Grande ABC, se mobilizaram e falaram: “olha, eu quero tantos médicos”, cada um falou quantos médicos queria. O Ministério da Saúde olhou, viu aquilo que estava correto e começou a providenciar os referidos médicos.

Hoje, nós estamos na seguinte situação: até o final dessa semana chegam aos municípios do nosso país que pediram médico, aqui vão chegar mais sete médicos, vai dar um total de 18 médicos aqui, em São Bernardo. Mas no Brasil inteiro chegam em torno 6,5 mil, 6,6 mil médicos. Isso significa uma cobertura para 23 milhões de pessoas, o que é algo muito importante, significa que mais 23 milhões de pessoas terão condições de ser atendidas em um período de tempo em que, anteriormente, elas não tinham nenhum atendimento médico. Até abril serão 13 mil médicos no Brasil, e vão ser, portanto, 45,5 milhões de pessoas com cobertura. Quando chegar março, nós vamos fazer uma reavaliação, e se for necessário, nós traremos mais médicos para o Brasil. E isso é a conclusão de uma coisa muito importante que nós aprendemos. Aprendemos com o presidente Lula, que dizia o seguinte e que disse sempre isso: “Eu não fui eleito para construir ‘muquifo’ para o povo brasileiro. ‘Muquifo’ é algo ruim para o povo brasileiro”. Eu também não fui. Nós fomos eleitos para buscar para o povo brasileiro aquilo que há de melhor, seja no programa Minha Casa Minha Vida, a melhor qualidade de moradia de casa e de apartamento, seja no Pronatec, a melhor formação técnico-profissional que tem no Brasil – é isso que nós temos que dar para o nosso povo –, seja nas nossas universidades.

Agora, no caso da Saúde isso ainda é mais sério. No caso da Saúde, a questão é a humanização do tratamento de saúde no Brasil. Nós conseguimos, como povo, criar o melhor modelo de atenção à saúde básica, o SUS – Sistema Único de Saúde –, que é público, gratuito e universal e tem que ser de qualidade. É esse o desafio que nós estamos fazendo com o Mais Médicos, é procurar assegurar que esse sistema de saúde tenha, primeiro, foco na pessoa humana, que a gente olhe, antes de tudo, para a pessoa. Mesmo quando a gente olha para a beleza deste edifício, nós estamos pensando como será confortável que o Brasil tivesse... como seria bom que o Brasil tivesse essa qualidade de atendimento para garantir às pessoas o que há de melhor. É isso que nós temos que buscar para o Brasil. Nunca podemos pensar pequeno. Nós vamos ter que pensar grande, do tamanho do nosso país, inclusive na saúde pública.

Com isso eu quero dizer para vocês que eu estou muito feliz, e veja como é bom, meu aniversário é amanhã, mas o presente é para São Bernardo. Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de entrega do XXVII Prêmio Jovem Cientista 2013 – Brasília/DF
Palácio do Planalto, 16 de dezembro de 2013**

Quero cumprimentar o Gustavo Meireles Lima, e em seu nome saudar todas as instituições, todos os pesquisadores agraciados com o Prêmio Jovem Cientista 2013.

Cumprimentar os ministros de Estado: Marco Antonio Raupp, da Ciência, Tecnologia e Inovação; Aloizio Mercadante, da Educação; e em nome deles cumprimentar todos os ministros presentes.

Cumprimentar o líder do governo no Senado, senador José Pimentel.

Cumprimentar o líder do governo da Câmara dos Deputados, deputado Arlindo Chinaglia.

Cumprimentar o deputado Nilton Lima e Odair Cunha.

Cumprimentar o presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Glaucius Oliva.

Cumprimentar os parceiros: Paulo Marinho, diretor das Organizações Globo; senhora Beatriz Johannpeter, vice-presidente de Instituto Gerdau; senhor Gilberto Peralta, presidente da GE do Brasil.

Cumprimentar o magnífico reitor da Universidade de São Paulo, João Grandino Rodas, por intermédio de quem cumprimento as senhoras e os senhores reitores, pesquisadores e professores aqui presentes.

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Essa é a terceira vez que eu participo como presidenta da entrega do Prêmio Jovem Cientista. A cada ano, é grande a minha satisfação diante desses jovens. O Prêmio Jovem Cientista é destinado àqueles que têm coragem de enfrentar desafios, àqueles que se inquietam e saem em busca de soluções, os inovadores e os que ousam criar e inventar, os que sabem unir o inconformismo e a inquietação da juventude com o zelo pelo método e pela experimentação, realizando com essa bendita aliança aquilo que é a essência do verdadeiro cientista.

Gustavo, Claudia, Rodrigo, José Leôncio, Osvaldo, Nicolas, Edvan, Tais e Breno, todos vocês são motivo de orgulho para nós e para o nosso país. Esse prêmio é a perfeita tradução de um Brasil pelo qual lutamos e que estamos construindo: mais culto, mais educado e mais capaz de enfrentar os desafios da era do conhecimento.

Neste novo país, mestres como o professor Eugenio Foresti e instituições como a Escola Técnica Estadual de Monte Mor e a Universidade Estadual de São Paulo, aliás, a Universidade de São Paulo, premiados hoje, têm papel essencial: são exemplos para o nosso país, para o nosso povo.

Todos os cientistas premiados hoje dedicaram seu tempo e sua competência para desenvolver projetos sobre um tema muito importante: Água, Desafios da Sociedade. Para o Brasil, água significa riqueza, significa sustentabilidade, significa abastecimento, consumo humano, consumo animal e também significa desafios.

De fato somos o país com a maior reserva de água doce do planeta. Um bem que tende a se tornar cada vez mais estratégico, vital para a sobrevivência da humanidade. Mesmo sendo o país com a maior reserva de água doce do planeta, a água se distribui de forma desigual pelo território do nosso país. E isso explica porque uma das mais importantes regiões do país, o Nordeste, está atravessando a pior seca dos últimos 50 anos. Daí porque a água, em si mesma é um desafio para todos nós.

O Brasil precisa cuidar muito bem dessa sua enorme riqueza. Temos de aprender a preservá-la. E nós tivemos aqui o prêmio recebido pelo Gustavo Meireles Lima, que é uma grande contribuição a uma das formas de preservação da água, que é a microgeração de energia e uso eficiente da água na produção em locais, que eu diria, de

demanda menor. Ao mesmo tempo, o Brasil é conhecido por ser um dos países que tem uma matriz energética renovável baseada no uso da água para produzir eletricidade.

Nós sabemos que temos de usar a água com parcimônia, com cuidado e com eficiência. E temos de aprender a preservá-la, criar formas corretas de uso. Se soubermos usar e economizar - como quer a Chiquita - vamos usufruir de uma vantagem competitiva enorme em relação aos demais países do mundo.

No que se refere ao Nordeste, é importante dizer que a proposta apresentada aqui em 1º lugar pelo estudante José Leôncio de Almeida Silva, forragem irrigada com água salina como alternativa combinada com água doce para o semiárido, é algo fundamental.

Esse ano, pela primeira vez, o Brasil lançou, o governo federal lançou um programa, um Plano Safra para o semiárido. Com isso, o que nós queremos dizer? Que a seca é algo com a qual nós temos de conviver, não há como combater a seca. Há como conviver com a seca. Conviver com a seca significa construir os mecanismos pelos quais nós podemos superá-la. E isso significa de um lado eficiência e uso produtivo, uso produtivo, eu não só diria, uso seguro dos recursos hídricos. Uso, inclusive, através de projetos estruturantes de interligação de bacias de construção de barragens. Mas significa também segurança produtiva, e aí a produção de forragem com água salina, considerando que a maioria das águas dos aquíferos do semi-árido são de recursos de águas salinas faz a diferença entre a alimentação dos animais e o fato de você destinar água doce para uso humano.

Por isso, eu cumprimento e queria dizer para o Leôncio, para o José Leôncio, que esse projeto dele é um projeto que para nós vem em ótima hora. É algo que eu pedirei, inclusive, para a Embrapa entrar em contato com você para que a gente olhe como é que é esse estudo, como nós... eu vi que a forragem, o milho cresce de forma menos intensa, mas mantém todo o conteúdo protéico. Então, eu queria dizer que fica claro como é possível nesse Prêmio Jovem Cientista um projeto ter uma destinação praticamente imediata.

Queria também falar de outro primeiro lugar, que é o do Edvan, a imensa criatividade dele ao propor a criação do uso do carvão baseado no açai, o uso para limpar a água de beber das populações que hoje não têm ainda tratamento de água.

Um país que se pretende competir em nível mundial precisa, não só se dedicar às grandes, às chamadas grandes e transcendentais questões da ciência, da tecnologia e da inovação, mas precisa aplicar esses achados, essas descobertas para melhorar a vida de seu povo. Por isso é muito bom ver as novas gerações produzindo conhecimento e soluções, que em um futuro que está cada vez mais próximo e, neste momento presente, são decisivos para continuidade do desenvolvimento com inclusão social que todos nós, eu tenho certeza, queremos para o Brasil.

Por isso, senhoras e senhores, nós estamos entregando os prêmios aos melhores trabalhos apresentados. Mas faço questão, justamente por isso, de homenagear todos aqueles que participaram, que enviaram seus trabalhos, os 3.226, um recorde em relação a todas as disputas anteriores. Todos os que participaram são vencedores, e de uma certa forma contribuem para o Brasil ser um país vencedor. Em uma competição em que se busca conhecimento, informação, excelência e inovação todos aqueles que participam ganham.

Temos muito a comemorar, portanto, a dedicação de todos os participantes, seus professores orientadores, suas escolas e suas universidades. A vitória dos jovens premiados que se dedicaram ao trabalho exaustivo da pesquisa científica e da produção de conhecimento é uma vitória que devemos todos reconhecer. E, sobretudo, destacar a parceria, o comprometimento de empresas que fizeram a diferença, como é caso da Gerdau, da GE e da Fundação Roberto Marinho. Todas essas três instituições trabalharam e contribuíram, ao apoiar esse prêmio, para construção de um Brasil mais preparado para as próximas décadas. Mostram um comprometimento com o país e uma perfeita compreensão do sentido da responsabilidade social e educacional, científica e tecnológica das empresas.

Devemos celebrar também mais uma etapa vitoriosa de um projeto importantíssimo cujo objetivo é criar, através do exemplo, uma numerosa geração de jovens e pesquisadores. Nós temos feito o possível para que isso aconteça. Nós temos promovido a maior expansão da rede federal de educação superior e tecnológica de nossa história, orientada para a interiorização e a descentralização das oportunidades em todas as regiões do país. Democratizamos e ampliamos o acesso dos jovens às universidades, o ProUni e o Fundo de Financiamento Estudantil, o Fies, já beneficiaram 2,4 milhões jovens de famílias de baixa renda, que de outra maneira, provavelmente, não conseguiriam entrar numa universidade. O Enem teve 7,2 milhões de inscritos este ano, e a cada edição se consolida como a forma mais justa e meritocrática de acessos ao ensino superior. O Ciência Sem Fronteiras está oferecendo a jovens graduados de todo o Brasil a oportunidade de estudar no exterior, nas melhores universidades do mundo. O único critério é uma boa nota no Enem. Já concedemos 60 mil bolsas para jovens brasileiros nas melhores universidades de 39 países do mundo. Ao que parece, um dos alunos premiados que não compareceu aqui era beneficiário do Ciência Sem Fronteiras e está estudando lá fora. Estamos estimulando o surgimento de uma geração de mestres, doutores, cientistas, pesquisadores e tecnólogos que serão os protagonistas do salto que queremos e vamos dar no desenvolvimento científico e tecnológico do país e na competitividade de nossa economia.

Com investimentos crescentes em educação da creche à pós-graduação, estamos mudando o Brasil. A decisão histórica de destinar 75% dos royalties do petróleo e 50% do excedente em óleo que o pré-sal, por meio do modelo de partilha consegue arrecadar, para a educação. Tudo isso vai nos permitir fazer ainda mais, pois mais acesso à educação de qualidade é o único caminho para um Brasil cada vez mais desenvolvido.

Parabéns aos nossos jovens cientistas, vocês estão contribuindo para o avanço de nosso país. Parabéns às instituições educacionais que aqui foram premiadas. Muito obrigada aos nossos parceiros e agradeço a todos os presentes por essa cerimônia que é na verdade mais um momento de oportunidade para todos nós construirmos um patrimônio que vamos legar aos nossos netos. Educação de qualidade para uma vida melhor. É isso que nós queremos aqui para todos.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura da IX Conferência Nacional de Assistência Social – Brasília/DF
Centro de Convenções Ulysses Guimarães - Brasília-DF, 16 de dezembro de 2013**

Eu queria, primeiro, desejar boa noite a todos aqui. Boa noite.

Depois, eu queria cumprimentar as assistentes sociais e os assistentes sociais, as psicólogas e os psicólogos, e todos aqueles que trabalham nessa área.

Queria também cumprimentar a cada um dos beneficiários que são acolhidos com muito carinho por vocês.

Mas eu queria fazer uma saudação, aqui, a todas as mulheres aqui presentes. Porque a gente olhando aqui, constata uma coisa: a presença dos nossos companheiros homens, é verdade, mas a presença maciça das mulheres assistentes sociais e trabalhadoras nessa área. Então, eu queria saudar a todas elas, e dizer do meu orgulho de estar aqui com vocês.

Cumprimentar também, aqui, vejam vocês que tirante o Gilberto Carvalho, só mulheres me acompanham como ministras: a Tereza Campello, a nossa querida Tereza Campello, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; a Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; a Helena Chagas, da Comunicação Social; a Maria do Rosário, dos Direitos Humanos; e nosso querido Gilberto Carvalho, da Secretaria-Geral.

Queria cumprimentar uma pessoa especial, a Márcia Lopes, ex-ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Cumprimentar a presidente do Conselho Nacional de Assistência Social, a Luziele Tapajós,

Cumprimentar a vice-presidente do Conselho Nacional de Assistência Social, neste ato representando a sociedade civil, a nossa querida Leila Pizzato,

Cumprimentar a presidente do Fórum Nacional de Secretários e Secretárias de Estado da Assistência Social, a senhora Maria Aparecida Ramos de Menezes,

Cumprimentar o presidente do Colegiado Nacional de Gestores Municipais de Assistência Social, o Valdiosmar Vieira Santos,

Cumprimentar o representante do Fórum Nacional das Pessoas em Situação de Rua, o Anderson Miranda. Dizer para o Anderson que quinta-feira nós estamos lá na missa. E, cumprimentando o Anderson, eu cumprimento todos os usuários e beneficiários da assistência social.

Cumprimento também os senhores e as senhoras conselheiros e gestores da assistência social, e representantes de entidades sociais e organizações não governamentais.

Cumprimento os senhores jornalistas, as senhoras jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Quero dizer para vocês que participar da abertura da IX Conferência Nacional de Assistência Social é, para mim, uma grande satisfação. Dou as boas vindas a todas as delegadas e a todos os delegados, que nos próximos dias vão debater os rumos e os desafios da nossa política de assistência social.

Uma conferência é um evento muito importante para todos que participam, para todos que acreditam na participação popular, e quero dizer, em nome do governo, para o governo, porque aqui está a base para a construção de uma nação justa e democrática, uma nação

que participa, que é ativa e que dá opiniões. Esta conferência é um espaço privilegiado para o exercício da cidadania, para o debate de projetos, para a gente avançar cada vez mais na transparência das nossas ações, para explicitar divergências e para a construção de consensos.

Uma conferência também é um momento privilegiado para avaliar aquilo que foi feito. Eu gosto sempre de usar uma definição que eu escutei numa conferência, era da Cultura, e feita por um senhor que era morador ribeirinho lá no Amazonas, no estado do Amazonas. E perguntaram para ele para que serve uma conferência. Ele respondeu, eu acho, de uma forma muito simples e clara, ele disse: “Olha, uma conferência serve para conferir se tudo está nos conformes.” Eu cito isso porque eu acho de uma simplicidade... Na verdade, nós temos de conferir se está tudo nos conformes, e ele tem razão. E essa é a nossa expectativa, a expectativa de todos nós, eu acredito, aqui – do governo, das assistentes sociais, dos psicólogos, de todos os participantes, dos governos estaduais, dos prefeitos, enfim... dos beneficiários, de todos nós que queremos conferir... movimentos sociais... O que mais, gente? O pessoal, as pessoas com deficiência, os trabalhadores, enfim, vamos falar todos, sem exceção, todos.

Nós queremos conferir o quê? Se os acordos que nós fizemos estão corretos, se as decisões que nós tomamos são as corretas e, principalmente, apontar para o futuro, saber quais são aquelas principais ações que nós devemos continuar fazendo, modificar ou alterar, e também é um momento para a gente prestar conta e estabelecer novos pactos. E nos alegra, nos alegra muito poder fazer isso com os estados e as prefeituras que partilham conosco a responsabilidade de construir a rede pública de assistência social.

Queremos contar também com todos os nossos parceiros, as parcerias que nós temos com entidades de assistência, com usuários, com profissionais, com conselheiros, todos os militantes da área social, todos eles e elas, decisivos para o sucesso e os avanços da nossa política de assistência social.

Por isso, minhas queridas delegadas e delegados, nós todos aqui sabemos que houve um tempo, no Brasil, que milhões e milhões de brasileiros e brasileiras permaneciam excluídos do processo de desenvolvimento do país, da acumulação de riquezas. Em muitos casos, a violência, o descaso, o preconceito marcaram a ação do Estado face aos segmentos da população mais desfavorecidos. Nesse tempo, as ações de assistência social ficaram a cargo exclusivo das entidades filantrópicas. Dependiam, muitas vezes, de voluntários para cuidar de nossas crianças em abrigos, dos idosos em situação de abandono, da população em situação de rua. Felizmente, essa solidariedade das associações filantrópicas estava disponível, felizmente. Eu aproveito aqui para reconhecer o papel dessas entidades que prestam serviços de assistência social. Nós temos a firme disposição, a firme determinação de continuar trabalhando em parceria com todos aqueles que historicamente se dedicaram aos mais vulneráveis, todos aqueles generosos e solidários que se dedicaram aos mais vulneráveis. Nós sabemos não só que podemos ter, mas que temos ações que são complementares.

Hoje, felizmente o nosso país vive um outro tempo. Nos últimos anos o Estado brasileiro avançou muito na construção de uma rede de proteção social pública. Vivemos um momento de reafirmação da assistência social como uma política pública e como um dever do Estado. Tem sido grande o esforço para tirar da invisibilidade parcelas

expressivas de nossa população, para superar, em definitivo, a atitude de verdadeira não responsabilidade do Estado face aos mais pobres.

Devemos sempre lembrar que o recurso para as áreas sociais, em especial para a assistência social costumava ser uma espécie de variável de ajuste fiscal. Vejam quanta diferença. Nós saímos de um patamar de R\$ 10 bilhões, antes do presidente Lula e chegamos, agora, a um patamar de R\$ 68 bilhões em recursos para a chamada função 08, que no Orçamento é o grande agregado da assistência social.

Esse crescimento é resultado de uma firme determinação e decisão políticas porque, para nós, recursos para a área social não é custo, é investimento, é investimento que nós fazemos no nosso país, naquilo que ele tem de mais valioso: as pessoas. Inauguramos um ciclo onde o social é vetor de desenvolvimento. A inclusão de milhões de pessoas, através e por meio dos programas de transferência de renda como o Bolsa Família e o benefício da prestação continuada, a valorização do salário-mínimo, a geração de 20 milhões de empregos nos últimos anos, produziram melhorias sociais e também uma dinâmica sustentável para a nossa economia.

O Brasil aprendeu, aprendeu com muito esforço, e vocês são responsáveis por esse aprendizado. O Brasil aprendeu que não há antagonismo entre desenvolvimento social e o desenvolvimento econômico, pelo contrário, o desenvolvimento social garante um econômico sustentável. Estamos aqui mostrando que é possível crescer com inclusão social. Estamos, na prática, confirmando o nosso mestre Celso Furtado que dizia que “crescimento só se transforma em desenvolvimento quando o projeto social prioriza a melhoria das condições de vida da população”, e nós acrescentamos: “quando distribui renda, quando permite que as pessoas tenham oportunidades iguais”.

Por isso, senhores delegados e senhoras delegadas, eu tenho muito orgulho de ter dado continuidade ao trabalho do presidente Lula, que aprovou, lá em 2004, a Política Nacional de Assistência Social; que iniciou o financiamento para serviços e para a construção de equipamentos próprios do Sistema Único de Assistência Social, os Centros de Referência da Assistência Social, os CRAS, e os Centros de Referência Especializados da Assistência Social, os CREAS. Hoje nós temos 10 mil equipamentos espalhados por todo o país, e isso, esses 10 mil equipamentos, garantem para o Estado brasileiro uma condição especial: chegar lá onde vive a nossa população e onde mais se precisa da assistência social. Esses equipamentos são, muitas vezes, como gostamos de falar, a porta de entrada e o acesso a outras políticas. Uma mãe que chega lá no CRAS é certa de que uma criança vai chegar no banco da escola. Aumentamos muito a integração entre as ações de saúde, de educação e de assistência social, os três eixos e as três grandes redes de serviços públicos. Tive a honra de sancionar a lei do Sistema Único de Assistência Social, o SUAS, em 2011. Com essa lei, a assistência passou a contar com uma legislação à altura de seu papel na transformação de nosso país.

A lei do SUAS veio em um momento decisivo. O Sistema Único tem sido fundamental para as ações de um dos maiores desafios de meu governo: a construção de um Brasil sem miséria. O plano Brasil sem Miséria e o SUAS têm fortalecido um ao outro. Para chegar aos brasileiros que ainda não têm Bolsa Família, criamos a busca ativa. Para implementar essas políticas nos locais mais distantes, inovamos e criamos as equipes volantes, equipes multidisciplinares que atendem a população em municípios com

extensas áreas rurais. Hoje são 1200 equipes volantes em 1030 municípios. Temos de ter muito orgulho disso. Para atingir áreas distantes, onde só se chega pelos rios, no Norte e no Nordeste, mas, sobretudo no Norte e no Pantanal, construímos as lanchas da assistência social. Já entregamos 123 lanchas.

A rede de assistência social é a responsável pelo CAD Único e pelo Bolsa Família em mais de 97% dos municípios do Brasil. Sem vocês, nós não teríamos conseguido, no Brasil, essa imensa redução da pobreza extrema. São vocês que ajudaram a construir esse programa, que devem comemorar conosco a maior vitória do nosso país: 36 milhões de brasileiros se mantendo fora da extrema pobreza graças ao Bolsa Família, 22 milhões só nos anos do meu governo. Hoje o SUAS é uma realidade em todo o Brasil, dispõe de equipamentos e equipes próprias, está baseado em uma parceria federativa com estados e municípios e conta com a adesão de 99% dos municípios brasileiros. Enfrentamento ao trabalho infantil, atendimento à população de rua, atenção às pessoas com deficiência são a marca e a força do Sistema Único de Assistência Social. O SUAS está presente no extraordinário trabalho de assegurar a inclusão e a permanência, nos cursos do Pronatec, das pessoas beneficiárias do Brasil Sem Miséria. Sim, meus queridos e minhas queridas, o Pronatec já é uma de nossas mais importantes iniciativas em favor da inclusão produtiva. Comemoramos agora, em dezembro, 850 mil pessoas do CAD Único nos cursos do Pronatec.

Por isso, queridas delegadas e delegados, são muitos os avanços e os frutos que nós temos colhido. Nessa trajetória, a assistência social vem se afirmando como uma das mais importantes e melhor reconhecidas políticas sociais de nosso país. Hoje o Brasil pode se orgulhar de ter política de assistência social que é pública. Estamos conseguindo superar o velho estigma da ajuda e do favor. Os benefícios e os serviços são amparados por leis nacionais e passaram a ser vistos na condição legítima de direitos sociais. A população mais pobre, a população mais vulnerável deve ser atendida com toda dignidade, reforçando a cidadania pelas nossas políticas públicas.

O Estado assumiu a obrigação, a obrigação, o dever de atender a todos, de agir e dar suporte às ações que superem as condições indignas de vida; de incluir nas políticas sociais a oferta de oportunidades concretas para todos os nossos cidadãos. Resgatar as pessoas da pobreza é um imperativo ético, é também, nós todos sabemos, o melhor caminho para o desenvolvimento. A política de assistência social é parte constitutiva dessa trajetória. Devemos todos ter muito orgulho do que foi desenvolvido por todas vocês até aqui. São conquistas dos gestores de todo o país, dos organismos e entidades da sociedade civil, dos profissionais, dos membros dos conselhos de assistência social e, sobretudo, dos próprios usuários dessa política.

Continuaremos a avançar, eu tenho certeza. Novos desafios nós vamos enfrentar e vamos superar. Este será um país do tamanho dos nossos sonhos, um país sem miséria e sem trabalho infantil, sem abuso e sem exploração sexual de crianças e de adolescentes, sem crianças nas ruas ou em qualquer local que as coloque em risco. Um país que protege e garante aos jovens em vulnerabilidade espaços de convivência, de educação, de ampliação de horizontes e de fortalecimento de projetos de futuro. Um país que protege os seus jovens da violência, em especial seus jovens negros, que promove a integração das pessoas em situação de deficiência, que protege a população de rua e

atende, com acolhimento digno, todos que precisem do Estado brasileiro. Um país desenvolvido, no qual todos os cidadãos partilham um presente digno e um futuro cada vez mais promissor em uma sociedade que nós queremos e estamos construindo justa, solidária e muito mais igual.

Muito obrigada.

Eu quero... obrigada, muito obrigada. Obrigada. Eu quero só um instante para pedir desculpas para vocês porque eu tenho de sair, porque eu tenho outra... outro evento daqui a pouco. Perfeitamente!

**Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante visita às obras da Refinaria Abreu e Lima – Ipojuca/PE
Ipojuca-PE, 17 de dezembro de 2013**

Eu queria desejar um bom dia a todos vocês.

Estou muito feliz de estar aqui e de ver essa obra maravilhosa que vocês construíram. Cada um deu a sua contribuição aqui, botou seu esforço, seu trabalho - longos dias de trabalho -, botou seu coração, botou sua alma.

Eu estive aqui quando isso aqui só tinha terra e mais nada. E hoje, ver essa quantidade de obras realizadas, e isso nós devemos a cada um dos homens e das mulheres que estão aqui presentes. Por isso, eu vim aqui primeiro cumprimentar os trabalhadores e as trabalhadoras responsáveis por essa obra.

Nós voltamos a investir em refinaria no Brasil, nós, com essa refinaria, estamos dando mais um passo para que o nosso país seja um grande produtor e um grande transformador de petróleo. Essa refinaria que vocês construíram é a maior refinaria produtora de diesel do Brasil.

Hoje é um dia de festa, por isso num dia de festa a gente comemora e eu vim aqui para comemorar com vocês nesse dia que é o dia em que nós estamos começando o processo de comissionamento dessa unidade. Essa unidade que está inteiramente pronta. O pessoal da Petrobras que participou disso, o pessoal das outras empresas contratadas que eu estou vendo que estão aqui – pessoal de azul. Eu quero desejar a todos da Petrobras e das empresas contratadas, eu quero desejar uma única coisa: que vocês que contribuíram para essa grande construção dessa refinaria, que vocês que contribuíram para isso vão contribuir para a construção de outros projetos no nosso país. Essa é uma região em que nós teremos muitos projetos... isso, orgulho de ser pernambucana. Eu tenho certeza que aqui tem trabalhadores de Pernambuco, de todo o Nordeste e de todo o Brasil.

Finalmente eu quero dizer para vocês, quero dizer para vocês: o nosso país é do tamanho do que nós quisermos para ele. E vocês quiseram, ao construir essa refinaria, um país imenso, um país que vai cumprir todo o seu potencial. Por isso, tenham certeza, o meu coração está com cada um de vocês e nós todos aqui agradecemos a cada um porque o braço e a mão dos brasileiros é a maior riqueza que nós temos. O braço, a mão e a nossa cabeça, que é o que nós temos de mais rico. É verdade que temos o petróleo, mas nada seria do petróleo se não tivesse trabalhadores brasileiros e brasileiras para transformá-lo.

Eu queria aqui saudar junto com a presidente da Petrobras, responsável por essa obra, saudar cada um de vocês e passo a ela a palavra para ela completar essa saudação, e depois ela dê mais um pouco da palavra para o Lobão. A gente reparte. Bom, gente, agora eu desço aí para dar um abraço e assinar umas camisas.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de conclusão das obras da P-62 no Estaleiro Atlântico Sul – Ipojuca/PE
Ipojuca-PE, 17 de dezembro de 2013**

Boa tarde a todos.

Eu queria primeiro cumprimentar os trabalhadores e as trabalhadoras metalúrgicos e da indústria naval, a quem agradecemos a conclusão das obras da P-62 e também as obras da Refinaria Abreu e Lima. Queria cumprimentar cada um e a cada uma de vocês e reconhecer aqui que hoje nós estamos vivendo mais uma vitória, uma vitória sobre aqueles que não acreditaram que os trabalhadores brasileiros podiam e iam construir plataformas e fazer refinarias.

Queria cumprimentar o governador de Pernambuco, Eduardo Campos. Agradecer a recepção fraterna, o alto nível das relações que sempre pautaram a nossa convivência.

Queria cumprimentar o embaixador do Japão, Akira Miwa.

Queria cumprimentar os ministros de Estado que me acompanham nessa viagem aqui a Pernambuco: ministro Edison Lobão, de Minas e Energia; ministro Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; e a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social.

Queria cumprimentar o vice-governador de Pernambuco, João Soares Lyra Neto.

Os prefeitos: cumprimentar o prefeito de Ipojuca, Carlos Santana; e o prefeito do Recife, Geraldo Júlio.

Cumprimentar os senadores Armando Monteiro Neto e Humberto Costa. Esses senadores de Pernambuco têm sido grandes parceiros do governo federal, para que nós possamos aprovar, no Senado da República, todos os projetos de transformação e de transferência de renda para a população brasileira.

Cumprimentar os deputados federais Eduardo da Fonte, Fernando Ferro, Luciana Santos, João Paulo Lima, Pedro Eugênio, José Augusto Maia. Da mesma forma, a bancada de deputados federais de Pernambuco tem ajudado, e muito, o governo federal.

Deputados estaduais Manoel Santos, Odacir Amorim, Sérgio Leite e Tereza Leitão.

Cumprimentar a nossa querida presidente da Petrobras, Graça Foster,

Cumprimentar o general Jorge Fraxe, diretor-geral do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte (DNIT).

Cumprimentar os senhores diretores da Petrobras e, ao cumprimentá-los, eu cumprimento cada um dos funcionários da Petrobras aqui presentes: Jorge Carlos Consenza, diretor de Abastecimento; José Miranda Formigli Filho, diretor de Exploração e Produção de Petróleo; José Antônio de Figueiredo, diretor de Engenharia, Tecnologia e Materiais.

Cumprimentar o presidente da Transpetro, Sérgio Machado.

Cumprimentar os parceiros neste empreendimento do Estaleiro Atlântico Sul, cumprimentando Valdir Lima Carreiro, presidente da Iesa Óleo e Gás; Luiz Roberto Ortiz

Nascimento, acionista e titular do Conselho de Administração da Camargo Corrêa; Vítor Hallack, presidente do Conselho de Administração da Camargo Corrêa.

Cumprimentar o coordenador da Federação Única dos Petroleiros, o querido José Antônio Moraes,

Cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Queria dizer para vocês que a conclusão da P-62 é mais uma prova de competência da indústria e do trabalhador brasileiro e da trabalhadora brasileira. Quero dizer para vocês que logo no início do governo do presidente Lula, nós tivemos, eu era ministra de Minas e Energia e a Maria das Graças Foster, que é hoje presidenta da Petrobras, era secretária nacional de Petróleo e Combustíveis Renováveis, e o presidente Lula nos deu uma missão. Qual era a missão que o presidente Lula nos deu? Era que, desde a campanha eleitoral, ele vinha dizendo que era possível, no Brasil, produzir plataformas, navios e sondas, e diziam que não era possível. E foi dado a mim e à Maria das Graças a missão de resolver essa questão: produzir aqui no Brasil plataforma, navio, sonda, enfim, os equipamentos que a Petrobras precisava para produzir petróleo aqui no Brasil. E nós começamos essa briga, porque foi uma briga, vocês podem ter certeza que foi uma briga. Primeiro, porque diziam – e aí a gente se surpreende, trabalhadores metalúrgicos, por exemplo, devem se surpreender – diziam que a gente não conseguiria fazer nem casco. E casco era uma coisa que a indústria brasileira tinha todas as condições de fazer. Enfim, diziam que a gente não tinha capacidade de produzir nada. Essas pessoas que gostam de ser negativas, de dizer: “Não, não vai sair, não é possível”, pois é, essas pessoas passaram o tempo todo – eu vou usar uma palavra – “azarando”, para a gente não conseguir fazer as plataformas e os navios. Era literalmente isso: azaravam.

Bom, nós brigamos muito para isso. E hoje o Brasil, o Brasil está fazendo plataforma, porque vocês estão fazendo plataformas, porque os trabalhadores deste país são capazes de fazer plataformas, os trabalhadores deste país são capazes de fazer navios, os trabalhadores deste país são capazes de fazer sondas. E isso é uma conquista que a gente só consegue realizar de uma forma: quando há essa vontade política que une os governos, empresas e trabalhadores. É essa vontade política que permitiu que a gente realizasse esse desafio.

Hoje, essa plataforma possui 63% de conteúdo nacional, que foi uma das brigas que nós tivemos: lutar para ter conteúdo nacional. Por quê? Por um motivo muito simples, porque conteúdo nacional é igual a emprego nacional. Ao invés da gente exportar emprego, quando a gente compra equipamentos no exterior, não que nós não vamos comprar, nós vamos continuar comprando, só que nós vamos comprar menos e produzir mais aqui. Por isso, esse fato do conteúdo nacional é importantíssimo, é a capacidade do país gerar emprego e, com emprego gerado, significa mais renda para as famílias, significa também a melhoria da qualidade do trabalho. O Brasil tem hoje condições de produzir plataformas e equipamentos sofisticados.

Além disso, é um orgulho saber que essa é uma, a P-62 é uma das nove plataformas entregues apenas este ano de 2013. Nove plataformas. E mostra também as credenciais e o dinamismo dessa indústria da qual vocês são a sustentação e a parte mais significativa. Para chegarmos até aqui, vocês podem ter certeza que eu tenho, da minha parte, a certeza que vocês são muito determinados, foi preciso determinação e foi preciso

coragem. Aliás, para a gente conquistar as coisas da vida sempre é necessário determinação e coragem. Sem coragem e sem insistir a gente não alcança nada na nossa vida pessoal e também na vida de um país.

Nós decidimos, sim, que deveria ser produzido no Brasil o máximo possível dos equipamentos necessários aos investimentos. Nós decidimos, sim, que o governo faria tudo para garantir que essa indústria naval, que nos anos 80, nos anos de 1980, tinha sido a 2ª indústria naval do mundo, essa indústria ressuscitaria das cinzas e voltaria a ser uma das indústrias mais importantes, não só do Brasil, mas do mundo, porque essa indústria será isso, ela tem capacidade de ser isso, vocês têm capacidade de transformá-la numa indústria de nível internacional.

Além disso, nós decidimos que as críticas, o descrédito que lançavam sobre esse projeto não poderiam nos amedrontar, não iriam colocar a gente na defensiva. Nós íamos partir para a ofensiva e implantar a indústria naval. Como? Através da garantia de demanda que os projetos da Petrobras representam para um país. Por que isso? Porque a Petrobras é uma das maiores empresas de petróleo do mundo. Portanto, ao produzir petróleo e gás, ela gera demanda. Então, uma parte dessa demanda seria ofertada pelo trabalho do Brasil.

Dez anos depois disso, o fato é que a indústria renasceu. Hoje ela tem 79 mil homens e mulheres trabalhando. Outro dia era 70 mil, agora já são 79 mil homens e mulheres trabalhando nessa indústria.

Em 2003 eu visitei estaleiros antigos, não Atlântico Sul, que é novo, nem o polo de estaleiros lá do Rio Grande do Sul, nem nenhum estaleiro de outra parte do Brasil, eu visitei estaleiros antigos. E vocês podem saber de uma coisa, a situação era a seguinte: a gente chegava no pátio, não tinha essa alegria que tem aqui, quando a gente olha no estaleiro e vê todo mundo no pátio trabalhando, você tinha grama crescendo entre o cimento quebrado do chão. E em todo o Brasil chegavam um pouco... a cerca de 7 mil empregos, um pouco mais de 7 mil empregos, no ano de 2003, porque em outros anos anteriores era menos.

Então, o que nós vimos hoje é uma empresa que ressurgiu, que voltou, aliás, uma empresa não, um segmento de indústria, a indústria naval é um segmento de indústria importantíssimo. Como este tem outros estaleiros pelo Brasil afora. Nós – e eu posso garantir a vocês – nós vamos ter muita contratação daqui para frente. Só esse último campo de Libra, para vocês terem uma ideia, só esse último campo, para eles extraírem o petróleo de um campo – não estou falando de muitos campos, estou falando de um, um –, precisa de 12 a 18 plataformas, mais para 18 do que 12. E precisa de navios. Eu estou falando uma coisa das que já está garantida, que já foi licitado, que já tem sócio, grandes empresas são sócias da Petrobras, 75% de todo o óleo fica para o governo, 25% para as empresas.

Portanto, é importante a gente ter na cabeça isso: esse estaleiro está aqui não é para a P-62, porque a P-62 vocês já construíram. Esse estaleiro está aqui para todas as plataformas que vão ser necessárias para tirar petróleo deste país. Para todos os navios, para todas as sondas, para todos os equipamentos. E, aqui, eu quero lembrar especificamente as perspectivas aqui, deste Estaleiro Atlântico Sul que tem sócios do porte da empresa Camargo Corrêa, que tem sócios também internacionais, japoneses

que vieram aqui nos ajudar e são muito bem-vindos. Este estaleiro, ele tem algumas encomendas já confirmadas pela direção da Petrobras para mim, porque eu perguntei para eles hoje como é que fica daqui para frente. A gente tem sempre de perguntar. Como é que fica daqui para frente?

Eu não sei se vocês sabem, mas uma das coisas caras da Petrobras é alugar navio-sonda, e essa questão do navio-sonda é muito importante. Então, aqui... para aqui estão confirmados mais 6 navios-sonda de perfuração, e se tudo sair direitinho, mais um, então 7, e um lote de 19 navios Suezmax e Aframax, grandes navios, como é esse que nós estamos vendo aí, porque 3 já foram feitos aqui. Vamos lembrar: Zumbi dos Palmares, João Cândido, o Dragão do Mar e, com esses 3, dá 22, tira esses 3 dá 19. Mas isso é uma parte que já está confirmada. O Brasil vai precisar de muita plataforma daqui para frente, muita plataforma também.

Então o que eu quero dizer para vocês é o seguinte. Com a exploração do petróleo do pré-sal ganhando velocidade e escala, o Brasil vai se transformar, necessariamente, no maior produtor de plataformas de petróleo do século XXI. A gente tem de pensar grande, do tamanho do Brasil.

Vejam vocês uma outra coisa. Além disso, tem uma coisa que eu quero falar para vocês que é muito importante porque faz parte do petróleo, que é a seguinte questão: o que é que nós vamos fazer com essa riqueza que o Brasil vai produzir, do campo de Libra. Se é 12 a 18 plataformas, é bom saberem que vamos produzir, só nesse campo de Libra – diz a Graça para mim que tem até uma gerência que está escrito ali: Campo de Libra, é só para cuidar de Libra, só para cuidar de Libra. Sabe por que eles fizeram isso? Porque esse campo de Libra, no auge dele, ele vai produzir 67% do petróleo que nós produzimos hoje em todo o país. Como nós mudamos a forma de cobrar sobre o petróleo, hoje nós recebemos uma parte do óleo, significa que vai ter uma grande riqueza derivada do petróleo. E onde essa riqueza derivada do petróleo deve ser aplicada? Na coisa que é a única que a gente carrega para a vida inteira, independentemente de quem seja cada um de nós: uma coisa chamada educação.

E aí eu falo sempre o seguinte, porque eu gosto de falar isso, que é o seguinte: nós vamos transformar a riqueza que é finita, porque o petróleo não é uma energia renovável, um campo é que nem assim, ele nasce, cresce e depois ele morre. Mas em que a gente tem... o que um país, uma nação tem de fazer? Transformar essa riqueza finita numa riqueza perene. E a riqueza perene que cada um de nós carrega consigo chama-se educação de qualidade.

Por isso nós aprovamos no Congresso Nacional que 75% de todos os royalties, mais 50% do excedente em óleo que a gente obtém nos poços do pré-sal sejam transformados em educação de qualidade. O que é educação de qualidade? Educação de qualidade é o seguinte: primeiro, é creche. Sabe por que é creche? É creche para as mulheres poderem trabalhar? É, mas não é para isso só, não. É creche para a gente diminuir e acabar com a desigualdade. Por quê? Porque está provado que uma criança, ela, essa criança, se ela tiver certos estímulos, ela se desenvolve muito dos 0 aos 5 anos. A desigualdade entre as pessoas não é por que... eu não estou falando daquela que faz cada um de nós ser diferente do outro. Eu sou diferente do Armando, sou diferente do Humberto, sou diferente da Graça. Não estou falando isso, não. Estou falando em igualdade de oportunidade, é a

criança ter os melhores estímulos possíveis. Então, vai ter que ter creche, e professora de creche vai ter que ser uma professora de qualidade, e creche começa primeiro para aqueles que mais precisam, para as pessoas mais pobres deste país. Por que é que tem de ser assim? Porque quando a gente resolve o problema das crianças, nós estamos mudando a raiz da desigualdade, criando um país mais igual, de oportunidades. Depois, junto com isso, alfabetização tem de ser na idade certa. Criança que, aos 8 anos, não sabe ler, não sabe escrever, e não domina as contas simples, a culpa é de quem? É de nós, nossa culpa. Nós não podemos aceitar isso. Professora alfabetizadora tem de ter status, a gente tem de pagar bem o professor.

Depois nós temos educação em tempo integral. As crianças e os jovens nossos vão ter de ter educação em dois turnos. Depois nós temos de ter educação técnica profissional. Os trabalhadores do nosso país tem que ser cada vez mais bem formados, com cursos especiais. Depois nós temos de dar acesso a todas as pessoas que quiserem entrar na universidade. Nós temos de garantir que o filho do pedreiro pode virar doutor, que era a frase que eu acho que é uma das mais bonitas que eu ouvi gritar. O pessoal gritava: “O filho do... olê, olá... o filho do pedreiro desta vez vai virar doutor”, que eu acho que é uma das coisas que o Brasil está fazendo de forma mais correta.

Ninguém vira uma nação desenvolvida se não tiver essa grande vantagem da educação. Então, vejam vocês que vocês estão não só contribuindo para construir estaleiro, não só contribuindo para construir navios e plataformas. Vocês estão contribuindo para construir o futuro deste país, e o presente, que é educação, mais educação e mais educação.

Eu queria também aproveitar que eu estou aqui, e eu fiquei muito feliz de ter visitado também a Refinaria Abreu e Lima. Sabe por quê? Porque, além de não querer fazer estaleiro, também não queriam fazer refinaria no Brasil, não. Achavam que era melhor comprar lá fora o óleo transformado. É outra grande conquista da Petrobras, é ter sido capaz de construir uma refinaria como essa, a Abreu e Lima. Por isso eu também fiquei muito feliz de visitar a Abreu e Lima e de ver... porque, gente, eu já vim aqui, primeiro era só terra, era pó, pó, tinha muito pó, porque já estava fazendo terraplanagem. Depois eu vim aqui e participei da inauguração da casa de força, mas só tinha a casa de força. Depois eu vim aqui e participei também e vi, fiquei impressionada, primeira vez que eu fiquei muito impressionada, tem um lugar alto ali, na refinaria, eu olhei a refinaria de cima, e era aquela quantidade de gente mexendo, caminhão andando. E hoje eu vim aqui e vi uma refinaria... Ah, e lembro uma vez que eu vim com o Lula e o Lula procurava, procurava porque procurava a unidade de destilação. Ele procurava e ficou bravíssimo, porque não tinha, não tinha unidade de destilação, nós procurávamos e não achávamos. Tanto é que eu tirei um retrato para mostrar para ele que agora tem uma unidade de destilação lá construída, bonitinha.

Mas, então eu fiquei muito feliz. Mas eu quero dizer uma outra coisa para vocês. Eu quero falar para vocês que, além desse desafio, eu quero aproveitar que vocês estão todos aqui e falar sobre uma questão muito importante, que é mobilidade urbana. Eu vim hoje aqui também para anunciar um conjunto de investimentos que o governo federal vai fazer aqui, em parceria com o estado e com a prefeitura. Basicamente, nós vamos investir aqui um total – isso sem contar o que nós já anunciamos antes –, hoje nós estamos anunciando um investimento aproximado, e depois eu explico por que é aproximado, de R\$ 2,9

bilhões. Sendo que 1,7 bilhão é em VLTs, um VLT, em um conjunto de corredores de ônibus, e também um outro, isso com a prefeitura, e com o estado é um corredor fluvial sul.

Basicamente seria o seguinte. No VLT, o VLT da Avenida Norte, nós vamos colocar R\$ 1 bilhão e 606 milhões, sendo que R\$ 840 milhões é em recurso a fundo perdido, recurso do governo federal, e R\$ 766 milhões é financiamento para a prefeitura. Cinco corredores de ônibus na Avenida Abdias de Carvalho, na Avenida Beberibe, na Avenida Recife, na Avenida Domingos Ferreira e na Mascarenhas de Moraes. Esses cinco corredores de ônibus são com cem por cento de recursos do Orçamento Geral da União. Também vamos colocar um recurso para fazer projetos para um VLT que vai sair do centro e ir para Boa Viagem, e, com o estado, eu acho que é uma parceria, né, Eduardo, muito boa que nós temos na área fluvial. Eu acho que é o único no Brasil, único corredor fluvial, que é o fluvial sul, que complementa os corredores fluviais que nós já temos em investimento aqui.

E... isso é uma coisa, e depois o arco metropolitano, que nós avaliamos numa estimativa aproximada. Nós não sabemos o valor, mas uma estimativa aproximada de R\$ 1 bilhão. Pode ser um pouco menos, pode ser um pouco mais, ninguém sabe ainda o que será. Hoje nós estamos anunciando a licitação feita com dinheiro exclusivo do governo federal, por isso que o general Fraxe veio e assinou aquele papel.

Queria dizer para vocês que, com esses dois conjuntos, nós hoje aqui no Recife, nós estamos... e eu acredito que, no conjunto também, o meu governo vai estar investindo em transporte coletivo R\$ 5,7 bilhões mais esse R\$ 1 bilhão que nós ainda não temos certeza se vai ser R\$ 1 bilhão mesmo ou um pouco mais ou um pouco menos.

Ao lançar esse edital para licitação da construção do arco metropolitano, nós estamos cuidando de uma coisa que é importantíssima, que é a mobilidade urbana no Brasil, porque eu quero falar uma coisa para vocês. No Brasil tem umas manias. Tem época que o pessoal acha que o Brasil é menor do que é e pensa que o Brasil é menor do que é, trata o Brasil como sendo menor... E aí, uma dessas épocas é o seguinte: não se fazia metrô no Brasil, não se fazia metrô, não se investia em mobilidade urbana, se achava que simplesmente ônibus resolvia o problema. Hoje está para lá de provado que cada vez em cidades maiores você precisa de metrô, você precisa de trilho, não só de ônibus, você precisa de trilho, ou seja, você precisa segregar o lugar que passa o transporte público. É isso que precisa.

Então, o governo federal, pela primeira vez na vida, nós investimos, no final do governo Lula, 2009 nós fizemos um investimento, 2010 nós continuamos fazendo. E agora, no meu governo, nós investimos R\$ 140 bilhões em mobilidade urbana pelo Brasil afora. Porque se a gente não investir em mobilidade urbana, as cidades brasileiras vão virar o caos. Por isso que nós estamos fazendo esse investimento em VLT, fizemos aqui também em metrô, fazemos corredores de ônibus, porque as pessoas têm o direito, têm o direito de ganhar o tempo delas, porque o tempo que você perde no transporte é um tempo morto, é o tempo que você perdeu para descansar, para ter lazer com a sua família, rapazes e moças, para namorar, noivar, enfim, tempo para tudo, não é, gente? Tempo para tudo. É necessário tempo, sem tempo... E mobilidade urbana é tempo para as

peças. Por isso que eu considero muito importante todos esses anúncios que eu estou fazendo aqui.

Mas eu vou deixar para o fim um anúncio que eu quero fazer. Dizer para vocês que eu tenho muito orgulho de um programa que chama Mais Médicos. Esse programa que chama Mais Médicos, o objetivo dele é levar para aqueles lugares onde não tem médico, médico para atender as pessoas. Esse programa Mais Médicos, aqui em Pernambuco, ele está sendo muito bem encaminhado. E eu queria dar uns números para vocês. Foram pedidos 532 médicos por 134 dos 185 municípios. Foram pedidos então 532 médicos, já chegaram 433 médicos. Nós já atendemos 81% dos pedidos, e até março, no mais tardar em abril, nós estaremos atendendo a diferença. Por que o Mais Médicos é importante? Para vocês terem uma ideia, com esses médicos nós vamos aumentar o atendimento aqui em Pernambuco e chegaremos a dar uma cobertura para 1,862 milhão de pessoas que não tinham atendimento médico. As pessoas, no Brasil, se queixam muito que o médico não tem contato com ela, não apalpa, não tira a pressão ou não escuta o coração. São essas as queixas que nós temos. Eu tenho muito orgulho desse programa e tenho certeza que ele vai melhorar e muito a vida das pessoas.

Por fim, eu quero dizer para vocês que nós temos tomado decisões fundamentais em favor do desenvolvimento de Pernambuco e do Nordeste. Como afirmava o nosso mestre, um brasileiro dedicado chamado Celso Furtado, nós, nenhum de nós pode aceitar que a desigualdade e o atraso sejam considerados fenômenos naturais como a chuva. Desigualdade e atraso dependem da nossa determinação em mudar a realidade.

E eu quero dizer para vocês que a melhor prova disso, prova aqui para o estado, para o Nordeste, mas prova para todo o Brasil é o extraordinário dinamismo desse complexo portuário-industrial que nós estamos aqui, com a Refinaria Abreu e Lima, com o Estaleiro Atlântico Sul e com todos os outros equipamentos.

Eu quero dar a vocês meus mais entusiasmados e agradecidos parabéns, a cada um dos trabalhadores e das trabalhadoras. Desejar a todos os pernambucanos e em especial a vocês aqui presentes, que também eu sei porque eu conversei com muita gente, perguntei “de onde você é?”, “sou cearense”. “De onde você é?”, “sou mineiro”. “De onde você é?”... ou seja, a gente pergunta, geralmente nessas construções, o Brasil está ali, juntinho, pernambucanos com todos os brasileiros.

Quero desejar a todos vocês um feliz Natal e, sobretudo, um 2014 cada vez melhor para todos nós. Um abraço e um beijo no coração.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na solenidade de apresentação de oficiais-generais recém-promovidos – Brasília/DF
Palácio do Planalto, 18 de dezembro de 2013**

Senhoras e senhores,

É para mim uma grande satisfação receber os oficiais-generais recém-promovidos. Congratulo-me com os senhores pela promoção. E felicito também seus cônjuges, seus filhos e familiares. Ao ingressarem no mais alto círculo da carreira militar, nossos almirantes, generais e brigadeiros, passam a ter diante de si elevadas responsabilidades com a defesa da pátria. Estou segura que os senhores sempre encontraram o caminho da

sabedoria e da sensatez, na lida com os múltiplos e complexos desafios que enfrentaram a partir de agora. No mar, em terra e no ar, o Brasil conta com o seu profissionalismo e com o seu sentido de compromisso.

Quero desejar a todos, e às suas famílias, um feliz natal e um ano novo cheio de realizações.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de cumprimentos de fim de ano – Brasília/DF
Clube Naval de Brasília – Brasília-DF, 18 de dezembro de 2013**

Senhores ministros de Estado,

Embaixador Celso Amorim, da Defesa,

General-de-Exército, José Elito Siqueira, do Gabinete de Segurança Institucional.

Senhores comandantes militares: almirante-de-esquadra Júlio Soares de Moura Neto, da Marinha; general-de-exército Enzo Martins Peri, do Exército; brigadeiro-do-ar Juniti Saito, da Aeronáutica; e general-de-exército José Carlos De Nardi, do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas.

Senhores oficiais-generais.

Senhoras e senhores.

Eu inicio as minhas palavras com um agradecimento aos comandos da Marinha, do Exército e da Aeronáutica e ao Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, do Ministério da Defesa, pelos serviços que prestaram, em 2013, ao nosso país. E também um agradecimento muito especial ao ministro Celso Amorim. Além de atuar com a habitual diligência na defesa da pátria e em diversas missões internacionais, apoiaram a ação do Estado em eventos de grande importância, que nós realizamos ao longo deste ano. Nossos militares estiveram de prontidão em todas as cidades da Copa das Confederações, contribuindo para a segurança do torneio. Na Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, proporcionaram aos fiéis e a toda a população um ambiente seguro para a calorosa acolhida que nós, povo brasileiro, demos ao Papa Francisco. Contaremos mais uma vez com o grande profissionalismo de nossos marinheiros, soldados e aviadores durante a Copa do Mundo do próximo ano.

A participação da Aeronáutica na chegada dos médicos do Programa Mais Médicos ficará registrada como uma das maiores mobilizações aéreas do país de todos os tempos, que nós temos notícia. E, além disso, eu queria agradecer por essa mobilização, dado a importância que o Mais Médicos tem para a nossa população.

Esses exemplos que eu acabo de dar são indicadores do papel importante que o Ministério da Defesa, por meio de cada um de seus comandos e do Estado-Maior Conjunto, desempenha para que nosso país receba com sucesso todos os eventos e faça todas as políticas necessárias ao bem-estar da população. Em 2014, o Ministério da Defesa vai fazer 15 anos de existência. Esse será um importante marco da construção de um Brasil cada vez mais democrático e soberano. O processo de fortalecimento institucional do Ministério da Defesa deve ser contínuo e consistente. O Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas tem dado contribuições concretas para a interoperabilidade

entre nossas Forças Armadas. A criação da Secretaria-Geral, este ano, reforça a indispensável coordenação setorial e assistência na definição das diretrizes do Ministério. O Congresso Nacional aprovou, neste ano, três instrumentos fundamentais para o planejamento de nossa política de defesa: a Política Nacional de Defesa, a Estratégia Nacional de Defesa, e o Livro Branco de Defesa Nacional. Esses documentos permitem a ampliação da transparência e do debate em torno das diretrizes e das estratégias da defesa nacional, são parte fundamental do processo de maior conscientização e acompanhamento dos assuntos da defesa na sociedade brasileira.

Defesa e democracia formam um círculo virtuoso. E, como salienta a própria Estratégia Nacional de Defesa, defesa e desenvolvimento são objetivos complementares. Os investimentos que realizamos na indústria de defesa, além de sua importância intrínseca para a nossa segurança, geram tecnologia e inovações. Em diversas cadeias produtivas criam emprego e renda para a nossa população. Essa é uma das razões para tornar a reativação de nossa indústria de defesa parte integrante da política industrial e tecnológica do meu governo, o Plano Brasil Maior.

Nós todos aqui sabemos que durante algum tempo a crise do Estado brasileiro, em termos de recursos, impediu que houvesse este foco numa política industrial e tecnológica de defesa. Essa política tem não só o reaparelhamento das chamadas Forças Armadas, mas também, e sobretudo, a percepção da capacidade de inovação que a indústria nacional de defesa e os militares brasileiros sempre tiveram. O Estado brasileiro, em estreita cooperação com o setor industrial, está engajado no fortalecimento de nossa base industrial de defesa. Nós sabemos que realizamos várias etapas, mas há muito o que fazer e há muito o que investir.

Exemplos do engajamento do Estado brasileiro e da estreita cooperação com o setor industrial são projetos estratégicos, vários dos quais incluídos no Programa de Aceleração do Crescimento, como o programa de submarinos de propulsão convencional e nuclear, o sistema integrado de monitoramento das fronteiras terrestres brasileiras e o avião-cargueiro reabastecedor, em desenvolvimento pela Embraer. Na mesma direção aponta a criação do Inova Aerodefesa, linha estratégica de incentivo à inovação também nessa área. A regulamentação da lei que estabelece normas especiais e incentivos para a indústria de defesa nos dá as bases para os avanços que almejamos. A certificação das primeiras empresas e dos produtos estratégicos de defesa dá, há algumas semanas, mostras de que começamos a trilhar o caminho certo.

Senhoras e senhores,

O Brasil é um país que passa por um momento especial. O mundo tem sofrido as consequências de uma crise internacional bastante grave, que começa antes de 2009, se agudiza em 2009, tem uma recuperação em 2010, começa a desacelerar em 2011 e atinge seu momento grave entre 2012 e [20]13. Agora, alguns sinais demonstram que os Estados Unidos começam a se recuperar, o que é uma boa notícia, assim como a Europa e mesmo a China também começam a trilhar um caminho de crescimento.

Não é nenhum elemento a despertar o nosso otimismo excessivo, mas é um dado importante, na medida em que revela alguns traços de recuperação da economia mundial que não existiam antes, principalmente no que se refere aos Estados Unidos – recuperação do mercado de trabalho –, e isso vai trazer também algumas consequências

imediatas que nós vamos ter de enfrentar com grande tranquilidade, a saber, a saída dos Estados Unidos da política monetária expansionista que adotaram diante da crise. Na verdade, trata-se da redução dos 85 bilhões de dólares que, sistematicamente, todo mês, o Federal Reserve, o banco central americano, coloca na economia. Essa saída é uma saída que tem efeito sobre as moedas e tem efeito sobre as taxas de juros internacionais. Nós estamos extremamente preparados para enfrentá-la. Primeiro, porque temos uma das menores relações dívida líquida sobre PIB, não só em relação ao mundo, mas também em relação à nossa história. Basta lembra que em 2002, final de 2002, início de 2003, quando o presidente Lula assume o governo, nós tínhamos 60% de dívida líquida sobre PIB, e hoje temos 35%. Vamos fechar, pelo 10º ano consecutivo, a inflação dentro da meta. Nós acreditamos que ficará em torno ou um pouco abaixo da inflação do ano passado. Temos também reservas expressivas que nós acumulamos ao longo dos anos de vacas gordas, em torno de US\$ 376 bilhões. Tudo isso conforma um cenário que permite que eu afirme aos senhores que nós temos todas as condições para transitar por esse período que alguns chamam de tempestade, que nós acreditamos que da tempestade tem uma característica: ocorre e passa.

Nós sabemos também que o Brasil tem mais condições do que tinha no passado de enfrentar essas situações. Temos tido, este ano, algumas conquistas. Primeiro, eu diria para os senhores que foi muito importante o processo de concessões, principalmente o campo de Libra, o campo de Libra, que é um dos nossos... sem sombra de dúvida uma das nossas maiores riquezas. Libra é um campo de petróleo no qual nós sabemos onde está o petróleo, sabemos a qualidade do petróleo e quanto tem de petróleo. Por isso, nada mais adequado que o regime de partilha, porque o regime de partilha faz com que 75% das receitas decorrentes da exploração do petróleo fiquem com o Estado brasileiro, aí compreendidos governo federal, governos estaduais e municípios, e 25% fiquem para as empresas exploradoras. Se a gente considerar a Petrobras do nosso lado, nós temos que 85% de todo o rendimento produzido por Libra fica com o Estado brasileiro. Foi por isso que nós criamos uma empresa de petróleo chamada PPSA, que é a empresa que está responsável por acompanhar a exploração, nos comitês operacionais ela é responsável por verificar se o custo está correto, se a quantidade de petróleo extraída está correta e se a tecnologia empregada é a mais eficiente.

Certamente, Libra é um indicador que nós não só teremos maior indústria naval, coisa que nós estamos reconstruindo, já fomos o segundo maior produtor de navios do mundo nos anos 80, e essa indústria praticamente tinha desaparecido, e agora ela se retoma com bastante força. Só para ter um dado, nós tínhamos 7, um pouco mais de 7 mil empregados no início de 2003 nessa indústria, e hoje temos 79 mil trabalhadores estritamente na indústria naval.

É verdade que o Campo de Libra, portanto, vai trazer uma modificação no Brasil. Eu digo que vai trazer três, uma delas que eu considero a mais importante para o futuro. A primeira grande transformação é o fato que nós vamos nos tornar, inexoravelmente, exportadores de petróleo. É uma boa notícia. Por quê? Porque Libra, no seu auge, produzirá 67% do que nós produzimos hoje, ou seja, em torno de 1,4 milhão barris/dia. Então, produzirá muito petróleo. Nós vamos ter de transformar esse petróleo, de exportar sempre agregando valor, mas também vamos exportar óleo bruto.

A segunda questão é essa do conteúdo nacional que nós passamos a adotar para as demandas das empresas brasileiras, das empresas públicas brasileiras. A Petrobras tem um programa de conteúdo nacional mínimo que vai ensejar que Libra também gere uma indústria, uma forte indústria de petróleo e gás produtora de navio, plataforma, sondas, uma coisa que se chama árvore de Natal molhada, que são os dutos para retirar petróleo do fundo do mar. Enfim, é uma cadeia imensa de empresas. Para ter uma ideia, Libra vai precisar de 12 a 18 plataformas. Cada plataforma usa, em média, uns cinco navios. Então, é uma demanda muito pesada sobre a nossa indústria, daí a importância da nossa Marinha. A segunda questão, então, é essa. Nós vamos criar uma indústria e vamos ser uma das maiores indústrias de produção de equipamentos e navios do mundo.

Em terceiro lugar é a aprovação da lei no Congresso que transformou 75% dos royalties do petróleo para... destinou esses 75%. Não é transformou, desculpa. Transformou 75% dos royalties do petróleo para a educação e 25% para a saúde, não só do petróleo, mas também de 50% de todo o chamado excedente em óleo, que é como a gente trata a questão dos rendimentos do petróleo no modelo de partilha, e eles integram o Fundo Social. Tudo isso constitui uma imensa riqueza que nós temos de discutir aonde colocar. E nós aprovamos no Congresso a destinação disso para a educação.

Eu acredito que a educação no Brasil, ela tem duas funções. A primeira grande função é garantir a estabilidade e a perenidade da inclusão social no país. Nós sabemos que nós retiramos da pobreza 36 milhões de pessoas, elevamos à classe média 40 milhões, agora um pouco mais do que isso. Mas sabemos que para isso ser perene, para isso ser algo sustentável e que dure para as gerações futuras do país, nós temos de apostar em educação. Ao mesmo tempo, esse país tem de apostar em educação, ciência, tecnologia e inovação. É isso que transformar-nos-á em uma nação efetivamente desenvolvida, e é esse o grande também objetivo de Libra: transformar uma riqueza finita, que é o petróleo, numa riqueza perene, que é a educação, que é conhecimento, que é sala de aula, que é qualidade de educação. Para isso tem de pagar bem professor, tem de fazer uma política de creches de primeiríssima qualidade, não porque as mães trabalham, mas porque está provado que as crianças, quando têm os incentivos corretos, entre 0 e 5 anos, elas têm mais capacidade de se desenvolver ao longo de sua vida. Nós temos de ter alfabetização na idade certa, nós temos de ter educação em tempo integral. Nenhum país se transformou em nação desenvolvida sem que seus estudantes do ensino fundamental e médio tivessem um período de estudo de dois turnos.

Além disso, nós temos de continuar expandindo a capacidade de absorção das universidades, seja através de programas como o ProUni e o Fies, que é financiamento, seja através da lei de cotas, porque nós temos um país que é, e se declara, na sua maioria, afrodescendente, então nós temos de ter lei de cotas, sim. E nós temos de continuar financiando estudos para os nossos jovens, através do Ciência sem Fronteiras, nas melhores universidades do mundo. Enfim, nós temos de saber gastar, e gastar bem esse dinheiro.

Por isso, foi muito importante esse ano. Muito importante por ter aprovado. ter feito o leilão de Libra e ter trazido para cá quatro grandes empresas, em parceria com a Petrobras, sendo a Petrobras a operadora, que são: a Shell, a Total, a CNOOC chinesa e a CNPC chinesa, isso nos traz um horizonte muito importante. Além disso, todas as

demais concessões que nós fizemos, na área de rodovias e a lei de portos, e todas os desafios que vamos ter na área de ferrovias e as concessões de aeroportos.

Bom, com isso eu quero dizer que eu acredito que o Brasil está trilhando um caminho de crescimento econômico, de inclusão social, e também de melhoria da sua competitividade, o que nos posiciona entre as sete maiores nações do mundo e, mais do que isso, nos coloca como grandes competidores e potências. Foi muito interessante, aliás, uma fala do presidente Sarkozy: “Eu quero parceria com vocês” – na verdade, falando sinteticamente – “não por uma razão etérea ou alguma razão metafísica. Eu quero parceria com vocês porque vocês são uma das economias que mais crescerão nos próximos anos.” Isso explica também o fato de que nós hoje temos condições de discutir com quem fazemos parcerias e discutir em que condições fazemos parcerias, o que é mais importante ainda.

Nós somos, de fato, um país pacífico, mas não vamos ser, de jeito nenhum, um país indefeso. E aí a importância de todo esse processo de industrialização no que se refere à indústria de defesa. Nós temos muito a avançar. É importante que a gente tenha consciência de que um país com as dimensões do Brasil, com os desafios do Brasil, ele deve estar sempre pronto a proteger seus cidadãos, a proteger seu patrimônio e a proteger sua soberania. Prova disso são revelações recentes também que evidenciam que nossas riquezas sempre podem suscitar comportamentos desrespeitosos e, mesmo, intrusivos em nossa soberania e por isso nós devemos desenvolver todas as possibilidades de proteção à nossa privacidade e a nossa soberania, notadamente todos os sistemas criptográficos e todos os demais elementos essenciais à defesa cibernética. Nesta área, sem sombra de dúvida, as Forças Armadas têm um papel muito especial.

Ao fortalecer nosso Ministério de Defesa e nossa base industrial, modernizar os meios de nossas Forças e assegurar condições dignas de vida e de trabalho aos nossos militares, nós reafirmamos a responsabilidade intransferível que temos com a proteção do Brasil. Como afirmei aos líderes mundiais reunidos na Assembleia-Geral da ONU, o Brasil sabe proteger-se, não precisa de ninguém querendo nos proteger. Não delegamos nossa defesa a terceiros. Devemos estar preparados para enfrentar quaisquer ameaças, temos que estar prontos para defender o nosso patrimônio em regiões que já recebem nossa tradicionalmente a nossa atenção, como é o caso da Amazônia, e também em regiões cujo valor estratégico aumentou de forma exponencial nos últimos anos, como é o caso da área do pré-sal, que é a nossa Amazônia azul. Além dos esforços de nos precaver contra ameaças, nós também temos cooperado, e devemos cooperar cada vez mais com nossos vizinhos e parceiros, com os países emergentes, através do BRICS, e com ênfase total na América do Sul e na África, que compõem o nosso entorno estratégico.

Senhores oficiais-generais,

Como Comandante em Chefe das Forças Armadas, observo com satisfação o crescimento ainda passível de expansão da presença feminina nos diferentes ramos de atividade da Marinha, do Exército e da Aeronáutica. Os senhores me permitam dizer que um dos fatores importantes na formação dessa nova classe média brasileira é a presença das mulheres, é o fato de as mulheres terem entrado no mercado de trabalho e estarem em todos os ramos de atividade. E isso é muito importante para o Brasil, assim como a integração dos negros e dos jovens. Saúdo a entrada, a partir de 2004, de cadetes

mulheres na Escola Naval. E, de acordo com o cronograma para os próximos anos, também na Academia Militar de Agulhas Negras, dando sequência ao que já ocorre na Academia da Força Aérea. Nossos militares, sob coordenação do Ministério da Defesa, terão altas responsabilidades na condução das iniciativas em favor da proteção e do desenvolvimento de nosso país.

O Brasil, eu tenho certeza, os seus oficiais-generais e esta Comandante em Chefe contam com o patriotismo de todos os militares brasileiros, contam com sua abnegação, com sua dedicação para a execução de todas elas. Por fim, eu gostaria de dar aqui uma informação, diríamos assim, inaugural. É: queria informar que eu instruí o ministro da Defesa, Celso Amorim, a anunciar hoje a decisão quanto à compra do FX e quanto à parceria que nós iremos fazer para o FX 2.

Muitas felicidades a todos. A todos boas festas, sobretudo um Feliz Natal no seio da família. E para todos nós um Feliz Ano Novo em 2014.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante celebração de Natal dos catadores e população de rua - Natal Solidário - São Paulo/SP
São Paulo-SP, 19 de dezembro de 2013**

Primeiro, boa tarde a todos, porque agora já é boa tarde. Mas é um bom dia e uma boa tarde nesse momento emocionante que nós estamos vivendo aqui.

Primeiro eu quero cumprimentar todas as crianças; os meninos e as meninas, cumprimentado o Cauã, que eu conheço há mais tempo. E vou dar ao Lula hoje o abraço e o beijo que o Cauã mandou. Vou dizer para o Lula que ele era um menininho e agora é um rapaz.

Quero cumprimentar o Roberto Rocha, o Samuel Rodrigues e por intermédio deles saudar todas as catadoras e os catadores de materiais recicláveis, os companheiros e as companheiras da população de rua.

Quero cumprimentar aqui os ministros de Estado: o Gilberto, que vocês conhecem, da Secretaria-Geral; a Maria do Rosário, que vocês também conhecem, dos Direitos Humanos; cumprimentar a Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; o Manuel Dias, do Trabalho e Emprego; o Aloizio Mercadante, da Educação; o nosso Alexandre Padilha, da Saúde; a Izabella [Teixeira], do Meio Ambiente; e a Eleonora Menicucci, da Secretaria de Políticas para as Mulheres.

Vocês vejam a importância que o governo federal dá a vocês pela presença de ministros importantes do governo da área social aqui nessa cerimônia.

Queria também cumprimentar o senador Eduardo Suplicy que sempre esteve conosco aqui nas comemorações de Natal.

E os deputados federais: Arlindo Chinaglia, Janete Pieta, Paulo Maluf.

Cumprimentar um deputado estadual, querido amigo Edinho Silva.

Cumprimentar o Samek, diretor-geral da Itaipu, responsável, pelo menos que eu tenha visto, pelo primeiro carrinho elétrico.

Quero cumprimentar também o Guilherme Lacerda, do BNDES, diretor do BNDES.

Quero cumprimentar o professor Paulo Singer, secretário nacional da economia solidária.

Cumprimentar o presidente da Fundação Banco do Brasil, José Caetano de Andrade.

Cumprimentar o Gilson de Carvalho Queiroz, presidente da Funasa.

Queria cumprimentar o Roberval Prates Reis, presidente da Rede CataSampa.

Cumprimentar os presidentes de sindicatos aqui presentes: o Ricardo Patar, da UGT; a Gilvandia Moreira Leite, do Sindicato dos Bancários.

Um cumprimento especial às prefeitas e aos prefeitos e catadoras e catadores das cidades de Crateús, no Ceará; Ourinhos, em São Paulo; Arroio Grande, no Rio Grande do Sul e Santa Fé, na Paraíba. Que hoje receberam o prêmio Cidade Pró-Catador e que são um exemplo para as cidades brasileiras seguirem, um exemplo de consideração aos catadores.

Quero ainda agradecer a bela apresentação do cortejo natalino conduzido por Dimir Viana.

Cumprimentar as modelos que participaram do desfile de moda reciclada.

E também o querido mestre de cerimônia Anderson Lopes Miranda, do Movimento da População em Situação de Rua.

Cumprimentar também os catadores que vêm da América Latina prestigiar este encontro. Os catadores e as catadoras da Colômbia, da Argentina, do Uruguai, do Paraguai, do Peru, de El Salvador, da República Dominicana, de Honduras, da Venezuela, do Chile, do Panamá e do Equador.

Queria cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu queria dizer para vocês que esse momento do ano, o final de ano, é sempre o momento em que nós fazemos reflexões, balanços e procuramos ficar mais próximos daqueles que nós temos grande afetividade. Por isso, a gente comemora o Natal, e olha para o novo ano com esperança.

E é justamente por isso que é importante que a presidenta da República tenha um compromisso anual - um compromisso anual que muito me honra -, que é esse momento em que sou recebida pela população de rua e também pelos catadores de material reciclado.

Eu tenho a honra de vir aqui todo ano, esse é meu terceiro natal com vocês. Eu sigo a tradição inaugurada pelo presidente Lula que começou essa tradição a qual tenho a honra de continuar. E isso, esse encontro nosso é uma confraternização em que fica claro que o governo, o meu governo, reconhece, considera e olha os catadores e a população de rua como cidadãos do nosso país.

É uma oportunidade também para lembrar que a origem do meu governo, a origem do governo do presidente Lula, está nas lutas sociais. E nós continuamos mantendo um compromisso firme com os movimentos sociais. É uma oportunidade também para afirmar que hoje o estado brasileiro trabalha para todos os cidadãos e todas as cidadãs.

E quando eu digo todos, eu estou dizendo todos mesmo. Estou dizendo que para o governo, e é simbólico eu vir aqui passar a comemoração de Natal com os senhores e as senhoras, vocês são a parte do povo brasileiro que nós temos de olhar com toda atenção, que nós temos, não só de escutar, mas nós temos de escutar e tomar as medidas para que o país, o Brasil e o meu governo não olhem para vocês sem vê-los. Olhem vendo.

Olhamos sabendo que vocês têm um papel no país, que vocês sempre serão pessoas capazes de ajudar o nosso país a se desenvolver e a melhorar. Sobretudo, significa que esse país abandonou a tradição discriminatória de hierarquizar seus cidadãos.

Hoje nós olhamos e reconhecemos as demandas de todas as parcelas da população. Reconhecimento é uma palavra que implica em encarar o outro e olhar o outro como sendo igual a você. Reconhecer significa também aceitar que o diálogo é necessário, que os pleitos de vocês são legítimos e que cabe ao Estado brasileiro se esforçar para construir um caminho comum para atender as suas reivindicações.

Hoje eu passei por uma experiência muito importante. Essa visita à Expocatadores mostra que nós estamos no caminho certo. Até pouco tempo atrás, os catadores e as catadoras de materiais recicláveis não existiam para as políticas de governo. Eu já disse que com o Lula passaram a existir. Hoje, além de existir, vocês realizam uma feira de negócios em pleno Anhembi, um lugar onde se realiza as feiras mais complexas deste país, onde ocorrem essas exposições industriais, agrícolas. É um espaço privilegiado de grandes feiras e grandes exposições.

Quanta mudança, quanta mudança! Os catadores hoje estão no Anhembi! E o que eu vi aqui? Eu vi aqui empresas brasileiras produzindo equipamentos para uso dos catadores. E eu concordo com uma conversa que eu tive antes de chegar aqui. Que há um modelo possível de alternativa a outros tantos modelos que existem por aí em relação a material reciclável. Que um companheiro chamou de reciclagem popular.

O que eu vi aqui é, justamente, as condições para esse novo modelo. Eu vi uma Expocatadores que me chamou a atenção e, mais do que isso, me fez chegar aqui agora e dar os parabéns para vocês, porque em um ano, é impressionante a mudança que vocês conquistaram com o esforço de vocês.

Disseminar equipamento, procurar tecnologia que torne o trabalho de vocês cada vez mais produtivo. Formar catadores de forma a garantir um nível profissional para todos é algo que essa Expocatadores e essa cerimônia aqui mostra que nós estamos no caminho certo.

Além disso, eu considero que o prêmio Cidade Pró-Catador também expressa os avanços que alcançamos, porque é muito importante a conscientização das prefeituras. É muito importante que as prefeituras sejam cumprimentadas quando elas têm práticas adequadas. Por isso, Arroio Grande, no Rio Grande do Sul; Bonito de Santa Fé, na Paraíba; Crateús, no Ceará; e Ourinhos, em São Paulo, os prefeitos e as prefeitas estão de parabéns.

Eles encaminharam a política de acordo com o que nós acreditamos que tenha de ser política nacional de resíduos sólidos. As melhores práticas e a diversidade regional, que vai lá do Rio Grande do Sul até a Paraíba, passando pelo Ceará e por São Paulo, mostra que a política inclusiva para os catadores de inclusão produtiva, de inclusão social e econômica, ela é possível em todo o território brasileiro. É isso que o prêmio Catadores deixa claro para todos nós aqui.

Se a gente olhar para o ano de 2013, nós vamos ver e podemos falar isso com orgulho, que nós continuamos fortalecendo a política para os catadores. Somente em projetos para inclusão produtiva, foram investidos R\$ 180 milhões neste ano. Nós demos um salto qualitativo com o Programa Cataforte. Eu considero esse Programa Cataforte um dos carros chefes da política do governo federal. O Programa Cataforte apoia redes de cooperativas e associações de catadores. Nós nos comprometemos a investir R\$ 200 milhões em ações para capacitação, assessoramento técnico, construção de unidades de

triagem e aquisição de equipamentos para os próximos três anos. Nos seis primeiros meses desse Programa Cataforte nós cumprimos a meta. Já gastamos mais de um quarto dos recursos.

Hoje, para apoiar as cidades de até 50 mil habitantes, que são, gente, a maioria das cidades brasileiras, não são as maiores, são até 50 mil, mas representam mais de 80% das cidades no Brasil, apoiar essas cidades que possuem plano municipal de resíduos sólidos, o governo federal colocou 50 milhões de reais. O objetivo é, de uma certa forma, é um duplo objetivo. Primeiro, viabilizar a participação dos catadores criando as condições para uma infraestrutura de coleta seletiva.

Esse apoio à presença dos catadores no plano municipal de resíduos sólidos é a pré-condição para que se encerre os lixões e se construa aterros sanitários. Sempre com a presença dos catadores e fazendo também todo o possível para agregar valor e fazer todas as ações que permitem a incorporação dos catadores no processo produtivo.

Nós demos continuidade ao Programa Pró-Catador, e apoiamos todas as ações para identificar os catadores e dar acesso a todas as políticas sociais do governo, todas as políticas. Apoiamos a incubação de cooperativas, a erradicação do trabalho infantil e o acesso aos serviços públicos. O BNDES está investindo em ações de inclusão dos catadores nas cidades sedes da Copa. A próxima cidade a ser incluída nesse programa é São Paulo, com um investimento feito pelo governo federal de 40 milhões.

Nós vamos ampliar a atuação dos catadores na coleta seletiva dentro dos estádios, nas festas e rotas dos torcedores. Nós queremos o catador participando, de uma forma construtiva, da Copa. Eles podem dar sua contribuição, e a contribuição dos catadores é o momento de consciência cidadã nas cidades da Copa.

Meus queridos e minhas queridas catadoras, mas agora eu vou falar para os moradores em situação de rua. Quero começar reafirmando a minha solidariedade pela luta que vocês travam cotidianamente. O Movimento Nacional da População em Situação de Rua é um parceiro nosso na tarefa de garantir dignidade e direitos às brasileiras e aos brasileiros em situação de rua.

Em 2013, nós implementamos várias medidas para que a gente possa aperfeiçoar cada vez mais a inclusão das famílias e das pessoas em situação de rua nas políticas sociais e no Cadastro Único. Essa é uma ação fundamental porque amplia o acesso à rede de serviços sociais e ao crescente número de programas que se utilizam desse Cadastro. Como parte do plano Brasil sem Miséria, nós chegamos a 23.100 vagas de acolhimento em 246 municípios. Nós temos hoje 291 novos Centros de Referência Especializada em Assistência Social para a população em situação de rua, os Centro POPs, que recebem recursos do governo federal.

Expandimos a Rede de Atenção à Saúde e hoje são 90 consultórios de rua em funcionamento. Em 2014, serão mais 30. Na área da saúde, nós fortalecemos a Rede de Atenção Psicossocial, primeiro com 301 CAPS-AD – CAPS Álcool e Drogas – e 42 centros de CAPS Álcool e Drogas que funcionam 24 horas. E a população de rua está entre os segmentos prioritários para a ação do Programa de combate à tuberculose.

Vamos desenvolver ações para diagnóstico da tuberculose e outras infecções, mobilizando todas as coordenações de atenção básica e os consultórios de rua. E o IBGE fará a contagem da população de rua. Essa é uma iniciativa inédita e atende a uma

reivindicação de vocês, porque quanto mais conhecermos, quanto melhor conhecermos quem é, como é a população de rua, melhor é possível desenvolver políticas mais adequadas.

Como me comprometi no ano passado, o Centro Nacional de Defesa dos Direitos Humanos da População de Rua e Catadores de Materiais Recicláveis de Belo Horizonte continuará sendo apoiado pelo governo federal. Nós estamos comprometidos com a continuidade do trabalho do CNDDH, fundamental para diminuir a violência contra esses dois grupos populacionais.

Aproveito para reafirmar aqui o repúdio do governo federal a toda forma de violência contra o ser humano. Violência que é mais grave ainda sobre alguém que vive nas ruas e já se encontra numa situação de vulnerabilidade. Não podemos permitir que essas pessoas sofram a violência, nem muito menos que essa violência fique impune.

Reitero, nesse sentido, meu apoio ao projeto de lei que institui a obrigatoriedade de investigação nos crimes cometidos por autoridades policiais, pondo fim aos chamados autos de resistência.

Meus amigos e minhas amigas catadores e da população de rua,

Essas iniciativas são uma mostra do claro compromisso que o governo federal tem com os senhores. Agora eu recebi dois pleitos vindos e encaminhados pelos catadores e pela população de rua. O meu governo, por meio do ministro Gilberto Carvalho, da ministra Maria do Rosário e da ministra Tereza Campello, vai, como nós fizemos no ano passado, aliás neste ano todo, vindo do ano passado, nós vamos, agora, analisar cada um dos pleitos e vamos encaminhar as soluções e as discussões com os senhores.

Nós sabemos que ainda há muito o que fazer. Vocês sabem sempre que novas conquistas exigem consciência e organização. Hoje eu vejo que vocês têm as duas coisas: consciência dos problemas e organização. Meu governo sabe que os movimentos sociais são imprescindíveis numa democracia, pois eles fortalecem a democracia e apontam caminhos para a ação governamental. Governo não nasce sabendo, governo precisa do diálogo com a população para saber melhor.

Que em 2014 nós juntos possamos continuar trabalhando, trabalhando juntos, unindo forças para erradicar a miséria, garantir dignidade para homens e mulheres deste nosso imenso país, combinando inclusão social e econômica com respeito ao meio ambiente.

Que esta comemoração de hoje nos inspire, nos ajude a iluminar os caminhos de 2014. E eu quero desejar um feliz Natal e um ótimo Ano Novo para cada um dos catadores e das catadoras, para cada um dos moradores e das moradoras de rua, e quero dizer: viva esse nosso encontro! Viva os catadores! Viva a Expocatadores! E viva todos aqueles que são solidários e apoiam os moradores de rua!

Um abraço a vocês.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração da BR-448/RS – Canoas/RS
Canoas-RS, 20 de dezembro de 2013**

Bom dia, meus queridos gaúchos e gaúchas.

Queria saudar o governador do Rio Grande do Sul, um grande parceiro e também um grande companheiro, o governador Tarso Genro,

Cumprimentar os ministros que me acompanham aqui hoje: o ministro dos Transportes, César Borges; – os baianos sempre gostaram dos gaúchos, né, César? – o ministro Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário; a Maria do Rosário, ministra da Secretaria de Direitos Humanos.

Cumprimentar o deputado Paulo Odone, presidente em exercício da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul,

Dirigir um cumprimento especial ao prefeito Jairo Jorge, de Canoas, e à senhora Thaís Oliveira Pena,

Cumprimentar o nosso senador Paulo Paim,

Os deputados federais presentes nesse ato: Assis Melo, Dionilso Marcon, Elvino Bohn Gass, Fernando Marroni, Henrique Fontana, Luiz Carlos Busato, Marco Maia, Mendes Ribeiro, Renato Molling, Vilson Covatti, Ronaldo Zulke. Ao cumprimentar o Zulke, eu cumprimento e agradeço a maquete da ponte da BR-448, oferecida pelos membros do comitê de acompanhamento das obras de infraestrutura viária da Região Metropolitana de Porto Alegre.

Cumprimento o João Victor Domingues, secretário de infraestrutura, por meio de quem eu saúdo todos os secretários estaduais e municipais,

Cumprimento o prefeito José Fortunati, de Porto Alegre e a senhora Regina Becker,

Cumprimento Gilmar Antônio Rinaldi, de Esteio; o Vilmar Ballin, de Sapucaia do Sul,

Dirijo um cumprimento especial ao diretor geral do DNIT, general Jorge Ernesto Fraxe,

Dirijo um cumprimento muito especial e um agradecimento aos trabalhadores que construíram essa obra. A eles, ao esforço deles, os nossos mais sinceros agradecimentos.

Cumprimento os integrantes do consórcio: Roberto Capobianco, presidente da Construcap; Silvano Macatrozzo, diretor-presidente da Ferreira Guedes; Marcos Queiroz Galvão, diretor-presidente da Queiroz Galvão; César Mata Pires Filho, vice-presidente da OAS; Abrão Loiferman, diretor-presidente da Brasília Guaíba; Ricardo Portela, diretor-presidente da Sultepa; e Humberto Busnello, diretor-presidente da Toniolo, Busnello. A esses empresários, também, nossos agradecimentos.

Queria cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, os senhores fotógrafos e cinegrafistas,

Quero dizer para vocês – estou vendo que hoje tem uma cinegrafista, uma mulher cinegrafista. Uma. Não está aí não, está aqui na frente, ela olhou para vocês. Nunca tem uma mulher cinegrafista, já falaram para mim que é porque é muito pesado carregar o equipamento. Mas eu tenho ainda esperança. Participar da inauguração da BR-448, a nossa Rodovia do Parque, para mim tem um significado especial, especialíssimo. Eu

acompanho as decisões e as ações que viabilizaram essa rodovia, desde quando eu era ministra-chefe da Casa Civil do governo do nosso presidente Lula.

A partir do momento em que esta obra, ou a solução para uma questão extremamente grave, que era o tráfego na Região Metropolitana da Grande Porto Alegre, a partir desse momento, em que nós incluímos essa rodovia, que até então era uma rodovia estadual, no sistema rodoviário federal, a partir desse momento eu acompanhei a história dessa rodovia. Aliás, o governo federal decidiu construí-la diante de um debate que tinha aqui no Rio Grande do Sul que, se eu me lembro bem, era entre duas propostas: uma que chamava Polão e outra que chamava Arco. E, em determinado momento, eu compareci à prefeitura de Canoas – era prefeito o Ary Vanazzi, né, Ary? São Leopoldo, aliás, foi São Leopoldo, isso mesmo. A vida e o tempo tira da gente uma parte da memória. E eu lembro que era um dia muito calorento, e nós estávamos nesse debate. Alguém me disse que haveria um pedágio bastante elevado em qualquer uma das propostas. E o grande problema era que essa era uma zona metropolitana. A partir daí, o governo federal assumiu a construção da rodovia como sendo uma rodovia federal. Passou a ser federal o com nome de BR-448 e nós construímos um modelo de obra pública. Por que é que nós construímos um modelo de obra pública? Porque o governo federal considera que não é correto pedagogar estradas em zona urbana ou zona metropolitana. Principalmente quando a obra é estratégica e enseja para as pessoas um custo absurdo que é o custo de viver onde vivem e de se deslocar. Você não pode pedagogar o deslocamento dentro da sua casa, você não pode pedagogar o deslocamento dentro do seu bairro, você não pode pedagogar o deslocamento entre o seu trabalho e a sua casa, entre a sua universidade e a sua casa, entre locais que você tem acesso até para exercer a condição mais elementar de vida. Daí porque nós assumimos a obra. Ele tinha essas duas características: era urbana, não podia ser pedagogada, e também essa obra era estratégica. A gente sabia que ela era estratégica.

Quem não conhece essa região pode estranhar que tenham sido necessários quatro anos desde a emissão da licença de instalação para que a gente construísse essa BR de 22 quilômetros e pouco. Mas nós que estamos, e que somos daqui, e que conhecemos a realidade, sabemos, e sempre soubemos, que a Rodovia do Parque não seria uma obra simples. Construir uma estrada paralela ao Rio dos Sinos, cortando áreas que inundam, um parque estadual, uma área de proteção ambiental e que exigia o reassentamento humanizado de 600 famílias residentes no entorno da obra, não ia ser uma tarefa fácil.

Nós, por meio do DNIT, e aqui eu cumprimento mais uma vez todos os funcionários do DNIT ao cumprimentar o general Fraxe, nós sabemos que foram executados aqui 22 programas ambientais. 22 programas. Além do reassentamento das famílias, das 600 famílias no programa Minha Casa, Minha Vida, construindo habitações decentes e dignas, a casa própria tão sonhada por essas pessoas. Nós investimos na BR-448 R\$ 1,3 bilhão. E todo o esforço despendido e cada centavo que nós gastamos valeram a pena. A BR-448 agora é uma realidade.

Eu, que acompanhei essa obra, quero dizer para vocês que muitas vezes eu escutei dizerem que ela não iria sair do papel. Eu escutei depois que, se ela saísse do papel, ela não seria concluída. Recentemente eu escutei que no dia 20 eu não iria inaugurá-la. Então, quando eu digo que agora ela é uma realidade, eu digo com a alma cheia de

alegria: ela é uma realidade! E não é, e não é uma rodovia qualquer. Em uma rodovia o que custa mais caro é o que chamam de obras de arte. E aqui vai ter obra de arte assim: nós temos dez viadutos e três pontes, sendo que uma das pontes é estaiada sobre o Rio Gravataí – eu parei lá hoje e ela, de fato, é muito bonita –, tem 268 metros suspensos por cabos e mais de 63 metros de altura. Ela já é um marco nessa rodovia. Mais importante que a beleza dela, da obra, mais importante do que o fato que, de fato, ela respeita o meio ambiente, ela passa por regiões extremamente delicadas, tem uma parte suspensa para não comprometer o meio ambiente, mais importante ainda que isso – e olha que isso é importante – é, certamente, que ela beneficia a população dessa região do Rio Grande do Sul. Ela, sem dúvida, é um dos empreendimentos mais importantes do meu governo, porque ela melhora as condições de mobilidade de um lugar essencial para os brasileiros, que é esse pólo. É um dos principais centros econômicos e sociais do Brasil. Essa região, esse centro, com 22 municípios, a Região Metropolitana de Porto Alegre ocupa mais de 6.800 km², corresponde a 3% da área do Rio Grande do Sul e aqui estão em torno de, gaúchos e gaúchas, representando em torno de 30% da população do estado e mais de 40%, ou em torno de 40%, do Produto Interno Bruto do Rio Grande do Sul. É um pólo de grande desempenho nas mais variadas áreas: área industrial leve e pesada, refinaria, pólo petroquímico, siderurgia, metalmeccânica, são alguns dos exemplos que traduzem a importância dessa região para o Brasil e para o Rio Grande [do Sul].

Aqui, nós temos todo um tráfego para um dos mais importantes portos do Brasil, que é o porto de Rio Grande. Daqui se desloca a população que vem da Serra, que vem desse entorno. São em torno de nove importantes universidades da Grande Porto Alegre que utilizarão essa rodovia. Somando mais de 160 mil estudantes.

A BR-448, ela liga municípios importantes do estado, além de beneficiar todo esse entorno. Sapucaia, Esteio, Canoas, Porto Alegre formam de um lado um arco metropolitano, mas ela é mais que um arco, ela é como se fosse um sistema que vai irrigar o tráfego da Serra, do Vale dos Sinos, do Vale do Caí e do Vale do Paranhana. Obra que nós construímos com recursos inteiramente do PAC, do Programa de Aceleração do Crescimento. E, finalmente, é também por aqui que boa parte da produção do Rio Grande [do Sul] é escoada.

Eu tenho certeza que os moradores dessa região estão felizes. A Rodovia do Parque, ela é sinônimo de rapidez, de segurança e de melhor qualidade do transporte. O ministro Pepe Vargas estava me falando, em matéria de rapidez, que ele vai poupar em torno de 45 minutos. Ele disse uma hora, mas eu diminuo. Em torno de 45 minutos mais ou menos. Porque ele vem lá de Caxias e me disse isso agora, ali sentado.

Eu considero para mim um imenso motivo de felicidade estar aqui nas vésperas do Natal entregando essa obra para todos os gaúchos e as gaúchas. Na verdade, essa obra é um presente para vocês, mas é também um presente para mim. E é um presente para mim como presidenta, mas também como moradora do Rio Grande do Sul, né? Eu sou parte interessada. Daí porque também me considero presenteada.

Nós, eu queria dizer, nós temos um compromisso com o crescimento do país e com a melhoria de vida da nossa população. E isso exige que nós tenhamos uma atuação em todos os estados da federação. Eu assumi aqui no Rio Grande [do Sul] o compromisso de dar continuidade à BR-448, com a construção de mais 32 quilômetros entre Sapucaia e

Estância Velha. O estudo técnico e ambiental, ele está em andamento e nos permite dizer que vamos poder lançar o edital em torno da metade de 2014.

Nós, eu vou falar só o que nós vamos fazer. Nós também vamos fazer melhorias na [BR-]116 entre Porto Alegre e Novo Hamburgo. O edital deve ser publicado também no início de [20]14. A segunda ponte do Guaíba, que é algo essencial para Porto Alegre, mas essencial para o Rio Grande do Sul, quero dizer que ela vai sair do papel. Vai sair do papel e vai se tornar realidade como a [BR-]448 se tornou.

Nós publicamos o edital em novembro – eu vim aqui e avisei: ‘Oh, publicamos o edital. As propostas vão ser abertas em fevereiro e, em até 60 dias depois, faremos a contratação para início das obras.’ Aqui, hoje, eu quero dizer para vocês, ao entregar a [BR-]448, nós também assinamos a ordem de serviço da BR-290, de dois trechos. É bom lembrar sempre que a BR-290 é a principal rodovia transversal do Rio Grande do Sul, com uma extensão total de 720 quilômetros. Nós estamos falando em 115 quilômetros. Ela começa em Osório e vai até Uruguaiana, na fronteira com a Argentina. Ela integra o corredor do Mercosul, corta o Rio Grande [do Sul], como eu já disse, transversalmente, e é a principal ligação com a Argentina, com o Paraguai e com o Chile. Por isso essa obra é relevante e nós a faremos.

Falo de todas essas obras para evidenciar o compromisso do governo federal com duas coisas: primeiro, mas não em ordem de importância, elas são simultâneas, primeiro, a mobilidade na Região Metropolitana de Porto Alegre, que é exemplo a [BR-]448, mas também com o sistema rodoviário do estado do Rio Grande do Sul. Nós estamos fazendo importantes e volumosos investimentos nas rodovias do estado, porque nós temos clareza da importância do Rio Grande do Sul para o desenvolvimento do Brasil e dos brasileiros, gaúchos e gaúchas, e também os adotados, como eu. Parabéns a todos os gaúchos, parabéns por essa bela rodovia.

E ao falar do Natal, eu vou aproveitar e fazer uma lembrança que é, aproveitando a imprensa, falando para todo o Brasil: que é lembrar a todos os brasileiros e a todas as brasileiras que a segurança no trânsito, nas cidades e nas rodovias de todo o país deve ser uma preocupação ainda maior neste período de festas. Queremos que essas festas de final de ano, as férias e o carnaval sejam, para todos, datas a serem lembradas com muitos sorrisos e com muita alegria. Por isso, nós lançamos, pelo terceiro ano consecutivo, a operação RodoVida. Aqui no Rio Grande do Sul, eu sei que todo mundo viaja para as praias, e que começa hoje e isso vai até o carnaval. No Brasil também, em todo o Brasil isso ocorre. Nós estamos intensificando a fiscalização nas rodovias federais para diminuir os acidentes e as mortes em nossas estradas. Meu governo está inteiramente engajado na operação RodoVida. Convido a todos, gaúchos, gaúchas, brasileiros e brasileiras, a participarem também, se comprometendo com práticas de direção seguras nas cidades e nas rodovias. Vamos juntos preservar vidas e garantir que as festas de final de ano sejam motivo de celebração.

Finalmente, eu desejo a todos vocês um feliz e muito próspero Natal, e um mais feliz e mais próspero ainda Ano Novo. E um 2014 cheio de realizações. E parabéns para todos vocês pela [BR-]448.

**Pronunciamento à nação da Presidenta da República, Dilma Rousseff, em cadeia nacional de rádio e TV
29 de dezembro de 2013**

Minhas amigas e meus amigos,

Graças ao esforço de todas as brasileiras e de todos os brasileiros, o Brasil termina o ano melhor do que começou. Temos motivos também para esperar um 2014 ainda melhor do que foi 2013.

As dificuldades que enfrentamos, aqui dentro e lá fora, não foram capazes de interromper o ciclo positivo que vivemos e que tem garantido que a vida dos brasileiros melhore gradativamente a cada ano. Nos últimos anos somos um dos raros países do mundo em que o nível de vida da população não recuou ou se espatifou em meio a alguma grave crise. Chegamos até aqui melhorando de vida, pouco a pouco, mas sempre de maneira firme e segura. Construindo a base para que a expressão “melhorar de vida” deixe de ser, em um futuro próximo, um sonho parcialmente realizado, torne-se a realidade plena e inegável da vida de cada brasileiro e de cada brasileira.

É para isso que você pega duro no batente todos os dias. É para que o seu esforço traga resultados ainda mais rápidos que cobro todos os minutos um bom desempenho do meu governo. Não existe nada mais importante para mim do que ver as famílias brasileiras melhorando de vida, mais felizes, mais tranquilas e mais satisfeitas com o fruto do seu trabalho. Por isso, sinto alegria de poder tranquilizar vocês dizendo-lhes que entrem em 2014 com a certeza que o seu padrão de vida vai ser ainda melhor do que você tem hoje. Sem risco de desemprego, podendo pagar suas prestações, em condições de abrir sua empresa ou ampliar o seu próprio negócio. Entrem em 2014 com toda energia e otimismo e com a certeza de que a vida vai continuar melhorando. Reflitam sobre o que aconteceu de positivo nos últimos anos na vida do Brasil, na sua vida e na vida de sua família e projetem isso de forma ampliada para os próximos anos.

Você, jovem, sabe o quanto o seu padrão de vida melhorou comparado ao que você tinha na infância e ao que seus pais tinham na sua idade. Usem essa fotografia do presente e do passado recente como pano de fundo para projetar o futuro. Esta é a melhor bússola para navegar neste novo Brasil.

Minhas amigas e meus amigos,

Neste ano de 2013 continuamos nossa luta vigorosa em defesa do emprego e da valorização do salário do trabalhador. Uma luta plenamente vitoriosa, pois alcançamos o menor índice de desemprego da história. Estamos com uma das menores taxas de desemprego do mundo, continuamos nossa luta constante contra a carestia. Nela, tivemos alguns problemas localizados, mas chegamos a um ponto de equilíbrio que garante a tranquilidade do planejamento das famílias e das empresas.

Nisso o governo teve uma ação firme, atuou nos gastos e garantiu o equilíbrio fiscal, atuou na redução de impostos e na diminuição da conta de luz. Nesses últimos casos enfrentando duras críticas daqueles que não se preocupam com o bolso da população brasileira.

Neste ano o Brasil apoiou como nunca o empreendedor individual, o pequeno e o médio empresários, diminuindo impostos, reduzindo a burocracia e facilitando o crédito.

Continuamos nossa luta incansável pela construção de um grande futuro para o Brasil, viabilizando a exploração do pré-sal e garantindo a destinação de seus fabulosos recursos para a educação e a saúde. Ampliamos nossa luta pela melhoria de infraestrutura iniciando a mais ampla, justa e moderna parceria de todos os tempos com o setor privado para a construção e ampliação de estradas, portos e aeroportos. Aumentamos o apoio à produção agropecuária em todos os seus formatos e escalas produtivas. Continuamos a difícil luta pela melhoria da saúde e da educação, setores onde ainda temos muito a fazer, mas onde estamos conseguindo avanços.

No caso da saúde, o Mais Médicos foi um dos destaques. Hoje já temos 6.658 novos médicos em 2.177 cidades beneficiando cerca de 23 milhões de pessoas. Em março, serão 13 mil médicos e mais de 45 milhões de brasileiros e brasileiras beneficiados.

Como toda mãe de família, sei que o patrimônio mais valioso na vida dos nossos filhos é a educação. Por isso, estamos fazendo um esforço redobrado nesta área. Além de garantirmos mais vagas e mais qualidade em todos os níveis de ensino, aumentamos o número de creches e escolas de tempo integral, de universidades e escolas técnicas, e consolidamos programas decisivos para a formação profissional e o emprego, como o Pronatec e o Ciência sem Fronteiras. O Pronatec já beneficiou mais de 5 milhões de jovens e adultos com cursos técnicos e de qualificação profissional. Enquanto o Ciência sem Fronteiras ofereceu 60 mil bolsas a estudantes brasileiros em algumas das melhores universidades do mundo.

Continuamos nosso esforço gigantesco para oferecer moradia para os pobres e para a classe média. E o Minha Casa, Minha Vida transformou-se no mais exitoso programa desse gênero no mundo.

Reforçamos o programa Brasil sem Miséria e estamos a um passo de acabar com a pobreza absoluta em todo o território nacional. Ampliamos nosso diálogo com todos os setores da sociedade e escutamos seus reclamos, implantando pactos para acelerar o cumprimento de nossos compromissos. Defendemos uma reforma política que amplie os canais de participação popular e dá maior legitimidade à representação política.

Não abrimos mão, em nenhum momento, de apoiar o combate à corrupção em todos os níveis. Exatamente por isso, nunca no Brasil se investigou e se puniu tanto o malfeito. O Brasil também tem buscado apoiar fortemente suas populações tradicionais, em especial os grupos indígenas e os quilombolas. E eu tenho um imenso orgulho do programa Viver sem Limites, que leva oportunidades e cidadania para as pessoas com deficiência.

Em suma, não deixamos em nenhum momento de lutar em favor de todos os brasileiros em especial dos que mais precisam. Com o olhar muito especial para os jovens, para as mulheres e para os negros. Mas sabemos que há muito, muito mesmo, ainda por fazer e muito, muito mesmo, por melhorar.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil melhorou, a nossa vida melhorou, mas o melhor é que temos tudo para melhorar ainda mais. O Brasil será do tamanho que quisermos, do tamanho que o imaginemos. Se imaginarmos um país justo e grande e lutarmos por isso, assim o teremos. Se mergulharmos em pessimismo e ficarmos presos a disputas e interesses mesquinhos, teremos um país menor.

O mesmo raciocínio se aplica à nossa economia. Assim como não existe um sistema econômico perfeito, dificilmente vai existir em qualquer época um país com economia perfeita. A economia é um conjunto de vasos comunicantes em busca permanente de equilíbrio. Em toda economia sempre haverá algo por fazer, algo a retocar, algo a corrigir para conciliar o justo interesse da população e das classes trabalhadoras e os interesses dos setores produtivos. Por isso, temos que agir sempre de forma produtiva e positiva tentando buscar soluções e não ampliar os problemas. Se alguns setores, seja por que motivo for, instilarem desconfiança, especialmente desconfiança injustificada, isso é muito ruim. A guerra psicológica pode inibir investimentos e retardar iniciativas.

Digo aos trabalhadores e empresários que continuo disposta a ouvi-los em tudo que for importante para o Brasil. Digo aos trabalhadores e aos empresários que apostar no Brasil é o caminho mais rápido para todos saírem ganhando. O governo está atento e firme em seu compromisso de lutar contra a inflação e de manter o equilíbrio das contas públicas. Sabemos o que é preciso para isso e nada nos fará sair desse rumo, como também nada fará mudar nosso rumo na luta em favor de mais distribuição de renda, diminuição da desigualdade pelo fim da miséria e em defesa das minorias.

Não perderemos jamais nossa disposição de lutar para que o povo brasileiro tenha uma saúde e educação de mais qualidade hoje e no futuro. Por isso, no orçamento do próximo ano os setores que tiveram mais aumento foram justamente a saúde, a educação e o combate à pobreza.

No médio e longo prazo fizemos do pré-sal nosso passaporte para o futuro destinando seus recursos majoritariamente para a educação.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil tem passado, tem presente e tem muito futuro. Existem poucos lugares no mundo onde o povo tenha melhores condições de crescer, melhorar de vida e ser mais feliz. É isso que sinto Brasil afora, é isso que sinto coração adentro.

Um ano novo cheio de felicidade e prosperidade para vocês e de muito progresso e justiça social para o Brasil.

Obrigada e boa noite.